



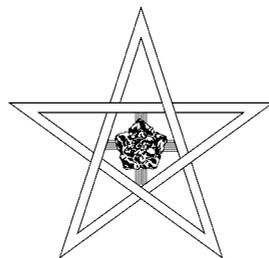
pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



A realidade da Luz
Calar-se diante do indizível?
Hilma af Klint
Pekka Ervast
A essência da arte
Marco Aurélio,
o imperador filósofo de Roma

2014 | NÚMERO 1



Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00
Números de anos anteriores R\$ 8,00

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Themisa Pimentel, Denison de Sá, José de Jesus, Leice Novaes, Leticia Gil, Marlene Tuacek, Marcia Moraes, Mercês Rocha, Rosanna Ruettinger, Saskya Cachemaille, Sérgio Oliveira, Simone Oliveira, Cláudio Moraes, Fernando Leite, Francisca Luz, João Batista Ponte, Josefina de Lima, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Maria Dulce de Oliveira, Marclio Mendonça, Marcus Mesquita, Roquefelix Luz

Diagramação, capa e interior

Dimitri Santos

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O **pentagrama** tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o **pentagrama** em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 36 2014 número 1

No contexto da Rosa-Cruz, a arte é essencialmente “Alquimia” - forma de arte que exige o mais alto nível de sabedoria e habilidade: filosofia pura, prática espiritual pura e modo de vida íntegro, os três em um. A alquimia é uma arte simbólica que não requer por parte do praticante nada mais do que os elementos que ele reúne em seu mundo interior. Seus conhecimentos provêm dos dois mundos, no interior dos quais sua vida acontece. Um deles é conhecido; o outro, ele ainda não vê, mas o sente como uma nova esfera de vida. Quanto ao fogo necessário, a energia que existe nele lhe é fornecida por meio de seu profundo anseio, sua aspiração pelo Espírito.

Este número da revista **pentagrama** vai permitir que o leitor se aprofunde nas correlações entre arte, ciência e religião, de acordo com a acepção própria dos rosa-cruzes. Além disso, ele poderá ver esboçada a obra de Hilma af Klint, pioneira espiritual de um século atrás, inspirada pelo mundo do abstrato e também pela doutrina teosófica e forças espirituais que a animavam. E agora, em nossa época, podemos apreciar e compreender melhor a sua obra.



Capa: *A Aurora Nascente*

Uma das mais antigas representações de Hermes, a aurora que se eleva do *Vas hermeticum* (o vaso hermético). Berlim, cerca de 1510

a realidade da luz...

e uma canção de leonard cohen 2

calar-se diante do indizível? 10

hilma af klint. o mundo está

amadurecido para sua arte 14

o mundo mágico de hilma af klint

20, 21, 37, 50, 53

a essência da arte 22

a sabedoria rosa-cruz de pekka ervast

um impulso da fraternidade na
finlândia 38

geleia de frutas 44

marco aurélio,

o imperador filósofo de roma 46

a realidade da luz...

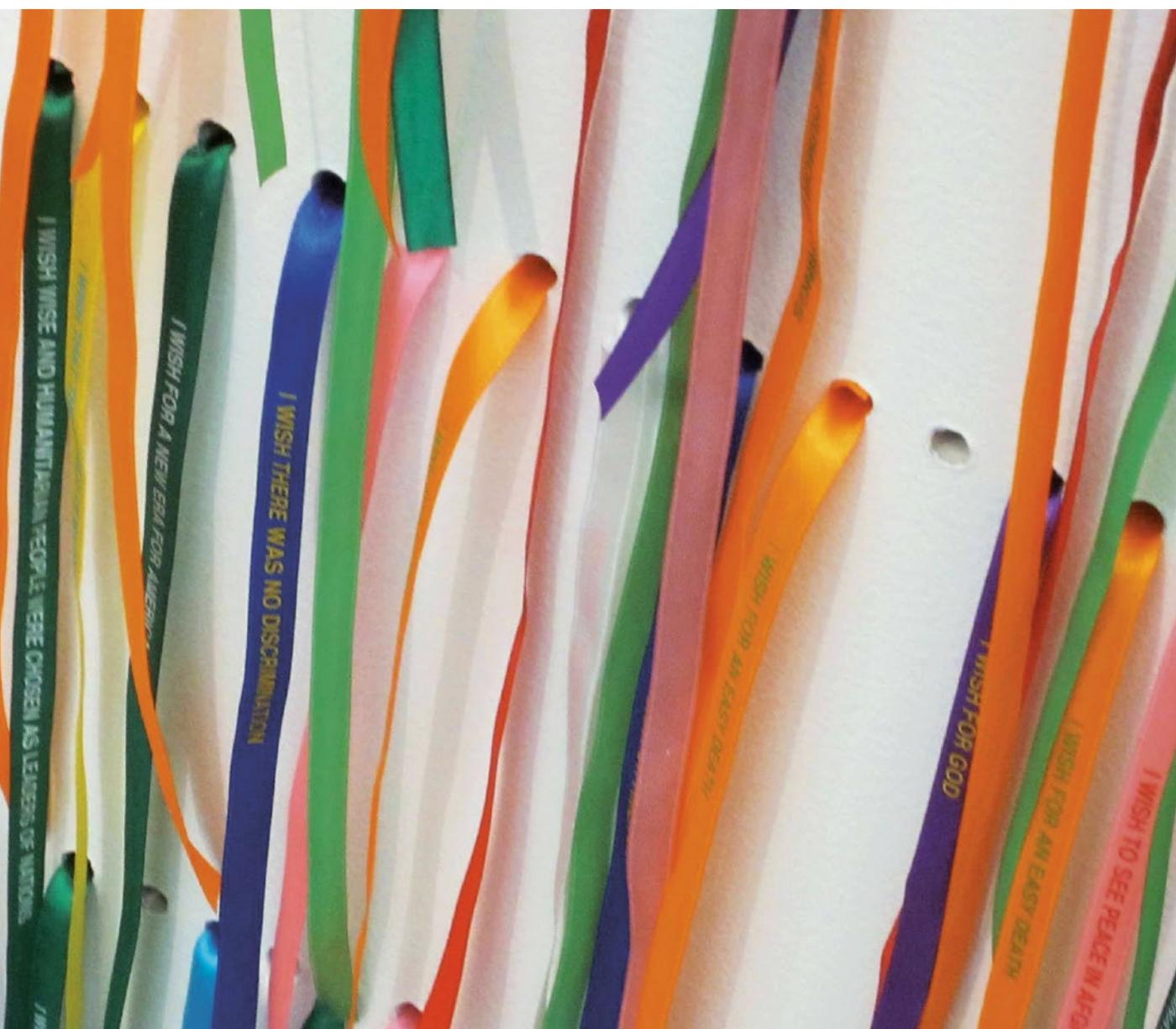
Qual será, ainda, o papel do museu nos dias de hoje, quando as pessoas podem ver de tudo, agora mesmo, em seu PC, seu iPad ou seu celular? Que arte ao vivo pode competir com as canções de Leonard Cohen ou com a Orquestra Sinfônica de Berlim? O que ainda pode significar o solo de um violoncelista amador comparado às sonoridades refinadas e artísticas perfeitamente executadas e registradas pela indústria musical?

O mesmo acontece com a luz: ela foi “absorvida, engolida” pela elite das organizações, pelos conferencistas, os *illuminati*, os gurus do mundo inteiro e de todas as partes. Essa é uma das razões, aliás, que impede muita gente de se interessar por ela e de refletir sobre ela. Além disso, o tema atrai muitas pessoas que, na realidade, se esquecem de viver. Escutar conferências e escritores é a desculpa que permite que se calem e evita que deem seu testemunho – ou seja: que estejam em unidade.

São inúmeras as pessoas que estão em busca da luz. O mundo inteiro fala sobre ela. Mas a luz não se deixa aprisionar em palavras: ela não pode ser lida, ela não se fixa em lugar algum. Será que poderíamos cantá-la? Parece que Leonard Cohen tenta fazer isso. A canção *Going home* (Voltando para casa) fala sobre a luz que o encontrou – vejam bem: não foi ele quem a encontrou! A música expressa substancialmente o quanto a luz é amigável, cheia de amor. Ela diz: “Ah, eu gosto bastante desse Leonard! Um cara legal, com um jeito de pastor. Claro, ele é preguiçoso e bem fraquinho, mas, que seja: ele faz o que eu lhe peço, mesmo quando não tem vontade. É incrível!” Ao mesmo tempo, essa canção fala a respeito de sua vida de septuagenário em Baldly, ao norte da Califórnia. Em uma entrevista, Cohen salientou: “Acho que vivemos em uma época miserável, numa crise moral em que nem a literatura nem a música respondem às nossas expectativas. Estou vendo um



... e uma canção de **leonard cohen**



As pessoas já não querem uma arte que não tenha nada a ver com a vida delas

maremoto de proporções bíblicas que se ergue dentro de nós e fora de nós, e que causa desgastes principalmente em nosso interior, mas que se expressa cada vez mais na realidade cotidiana exterior. Uma onda gigantesca, que obriga todos a se agarrarem – cada um de seu modo – e não importa qual galho ou caixa de laranja trazidos por essa torrente impetuosa que engole todos os pontos de referência e tudo o que trazemos dentro de nós. No entanto, mesmo nessas circunstâncias, as pessoas continuam a defender suas posições como “progressistas” ou “conservadores”. Acho que os homens estão completamente doidos!”

O mesmo fenômeno pode ser notado no mundo da arte, dos museus. As pessoas já não querem uma arte que não tenha nada a ver com a vida delas. Por quê? No jornal *De Groene Amsterdammer* (O Cidadão Verde de Amsterdã), Anna Tilroe escreve: “Muitos diretores e curadores não sabem como reagir a essa nova tendência. Uma atuação mais aberta, mais atual, exige que os museus abandonem suas diretrizes artísticas tradicionais e, principalmente, que revejam o conceito de “arte independente”, um valor inalienável, apartado do mundo, acabando, desse modo, com o poder absoluto dos iniciados – o que

justifica a enorme desconfiança de uma sociedade profundamente individualizada”.

Talvez a opinião do compositor Merlijn Twaalfhoven no jornal *NRC Next* possa nos trazer uma resposta. Ele não se considera um compositor, mas sim um pensador de acontecimentos sonoros que tornam a vida mais palpável. Esse homem compôs, entre vários outros, um concerto que gregos e turcos executaram juntos em Chipre, cada um do respectivo lado do muro que os separa. Em Jerusalém, ele organizou concertos em domicílios, de modo que as pessoas pudessem esquecer por um momento suas diferenças ideológicas.

“Tocar as pessoas em suas essências obriga-as a se conectarem, a assumir riscos.” Não é disso que se trata? Cada aspecto da sociedade é ‘individualizado’ e levado ao seu limite – a ponto de ultrapassar os limites do que pode ser administrado. Veja-se os bancos, a indústria do petróleo, os governos, a área hospitalar e até mesmo os setores da ecologia, da comercialização justa, do desenvolvimento pessoal. Tudo pode ser considerado um alvo. Falta uma ideia global, um padrão de referência que forneça um rumo a ser seguido.

As conferências internacionais, as Nações Unidas, as reuniões de dirigentes, todas elas

tentam melhorar o conjunto: ora, parece que todos estão construindo sua própria Torre de Babel a fim de não perder o apoio de seus partidários. E o mesmo fenômeno pode ser encontrado no mundo daqueles que querem espalhar a luz! Suas intenções não são tão boas? Não é necessário fazer reuniões, preparar-se, fazer festas, refletir, meditar? Durante uma entrevista, Cohen ressaltou: “O pecado do orgulho torna-se manifesto porque pensamos secretamente que somos os comandos do mundo espiritual: que somos mais aventureiros, mais audaciosos, mais corajosos que os outros”. No texto citado logo adiante, ele afirma que aprendeu sua lição: ele deixa que a luz fale. “Ele faz o que eu lhe peço, mesmo quando não está de acordo, porque ele não tem o direito de recusar. Ele irá falar e suas palavras expressarão a sabedoria de um homem que tem uma visão, mesmo que ele não passe de um simples canal de comunicação...” Leonard está voltando para casa – pelo menos é o que ele diz na canção. Sem nenhum peso sobre os ombros, sem carma, tranquilo. Talvez amanhã, lá, tudo seja melhor do que antes. Ele bem que gostaria de escrever mais uma canção sobre o amor, sobre o perdão, ou sobre o fracasso: como um grito que ultrapasse todo e qualquer sofrimento, um sacrifício que curaria tudo... Mas, não! Para isso, a luz não precisa dele. A luz quer libertá-lo, fazê-lo compreender que não carrega nenhum peso, não necessita de visão, mas, sim, precisa fazer o que lhe é pedido: servir os

outros, partilhar, transmitir o que a luz lhe oferece. Momento crucial em que o orgulho se transforme em auto-entrega, em que mais nenhuma ideia pessoal intervenha. Fazer o que é necessário, com toda a simplicidade, servir os outros. Não é difícil. Mas como é profundo! Realmente não tem limites.

Afinal, qual é o significado de termos sido criados? Ser ou existir sem mais nem menos? Compreender que não temos necessidade de ser o que quer que seja para encontrarmos a luz? Aspiramos à unidade com o Criador do Uno para nos conectar uns aos outros no presente, em uma energia viva, compreendendo que não existe nenhuma separação entre o Criador e nós. E compreender que a vida que nos é dado viver é sempre impulsionada pelo alento, pelo sopro do Criador. Viver essa ausência de separação leva-nos a uma visão de mundo completamente nova. E como ela é especial! De repente, nós nos conhecemos uns aos outros. E conhecemos como somos conhecidos! Tudo o que é “pequeno” se desliga de nós: não porque nos tornamos seres extraordinários, mas sim porque, conscientemente, partilhamos o Uno. Uma vez que o único Criador está inteiramente em todos, essa é uma experiência realmente espantosa! É que já não se trata de uma consciência parcial. Descobrimos que todas as esferas de vida formam uma unidade. Percebemos que todas as esferas de vida, todas as áreas da vida, todos os continentes e até mesmo todas as esferas

planetárias formam uma “Terra”, um cosmo solar. E essa unidade se estende mais ainda: muito além, até o cosmo longínquo que, nesse estado de consciência, nos torna literalmente familiares – esse estado de consciência é o nosso campo de respiração.

Essa unidade se estende do passado mais remoto até o mais distante futuro que possamos imaginar. Assim que estivermos conscientes da unidade de todas as formas de vida, perceberemos com lucidez que a vida serve somente para nos tornar conscientes dessa unidade: a unidade com o único Criador do Todo, a unidade que pertence a Ele. Estimulamos essa consciência unitária quando nos colocamos a serviço dos outros – o serviço aos outros, exatamente como a Terra, que está a nosso serviço, oferecendo-nos tudo. Ou como o Sol, que se doa conscientemente, irradiando calor vital, glória e beleza ilimitados. Cada folha de outono é um testemunho disso. Cada sorriso. Cada olhar divertido de uma criança. Sejam os lúcidos: é muito bonito sentir que cada vida é única e indivisível, mas tanto dentro de mim como na relação com os outros não consigo ser. Pois não é verdade que sou muito mais uma contradição, um polo que se opõe aos outros, um polo oposto do Uno?

Vocês já viram o sorriso de um raio de sol brilhando sobre uma extensão de água, e o gracioso reconhecimento de uma ondinha que se viu ligeiramente aquecida? Os dois estão caminhando para se transformar em vapor! Tudo está a serviço do Todo e todos estão cada

vez mais conscientes de sermos “Um” com o Criador. E, se estamos em unidade, somos criadores de nosso destino, de nosso caminho de experiências. Um véu escondeu nosso conhecimento e nos fez perder nossa consciência do Todo. Mas nos foi dado algo mais: saber que a onisciência existe! Um dinamismo, um impulso, uma paixão tomam conta de nós. E, depois, alegria e sofrimento, suor e lágrimas, mas também uma satisfação inimaginável! Recebemos um processo de desenvolvimento e um corpo esplêndido. Mesmo que esse corpo possa provocar um sofrimento intenso, esse sofrimento passará! Vivenciamos o milagre mais sublime: a matéria animada. E, sim, o milagre somos nós!

No decorrer desse processo, o Criador aprende a Se conhecer. E aí está o verdadeiro autoconhecimento! E esse milagre causa outro milagre ainda maior: esse véu que, por algum tempo nos separa da onisciência é uma bênção. A vontade egocêntrica pode, assim, com toda liberdade, sondar, conhecer e orientar-se a respeito da onisciência e, totalmente consciente, integrar-se a ela. E isso é o que há de mais essencial na criação: o livre arbítrio. Nada é criado sob coerção. O livre arbítrio para amar ou odiar está na base da criação e nos é ofertado pelo amor universal.

Vamos refletir sobre isso, agora, em paz, alegre e profundamente. O Uno nos abençoa com vida e amor. E no templo grego de Philae, consagrado a Ísis, vemos como ela deram sobre o candidato – o jovem rei – uma

torrente de símbolos da cruz ansata da vida (a cruz *ânkḥ* dos egípcios). O jovem rei – que é a alma – encontra-se na realidade da luz, na divina corrente da Água Viva. Para nós, ele expressa unicamente a alegria, que nos inspira um imenso respeito por essa dimensão sagrada, revelando em nós a nostalgia e a intuição – efeito que nenhuma egiptologia científica poderia apresentar.

Sem dúvida, perdemos uma curva do caminho de nosso vir-a-ser conscientes. Perdemos nosso livre arbítrio, que nos permitia escolher em que mundo poderíamos nascer. No fundo, quem conhece as regras do jogo? E será que elas mudaram? Que impasse! Uma nova dimensão nos ensina que as regras do jogo envolvem o coração. Ousemos “pôr as cartas na mesa”, e nos empenharmos com todo o nosso ser, tornando-o sensível ao próximo no jogo da existência.

Não importa o jogo que você joga: eu o acolherei com amor, amizade e boa-vontade. Partindo de todas as aparências, precisamos fazer que a situação “volte”, como nos ensina Hermes Trismegisto. A luz não é uma realidade longínqua, em um reino imutável: ela está aqui, aí, em você, em nós.

Esta é uma característica do aluno da Escola da Rosacruz Áurea: ele vive no meio do mundo e, no entanto, ele não faz nada para ser notado. Ele está conectado com todos, mas trabalha com as energias de uma nova dimensão. Transparência, aspiração, pureza moral, devoção e amizade são, entre outras, algumas de suas características.

Going Home / Leonard Cohen

I love to speak with Leonard
He's a sportsman and a shepherd
He's a lazy bastard
Living in a suit

But he does say what I tell him
Even though it isn't welcome
He just doesn't have the freedom
To refuse

He will speak these words of wisdom
Like a sage, a man of vision
Though he knows he's really nothing
But the brief elaboration of a tube

Going home
Without my sorrow
Going home
Sometime tomorrow
Going home
To where it's better
Than before

Going home
Without my burden
Going home
Behind the curtain
Going home
Without the costume
That I wore

He wants to write a love song
An anthem of forgiving
A manual for living with defeat

A cry above the suffering
A sacrifice recovering
But that isn't what I need him
To complete

I want him to be certain
That he doesn't have a burden
That he doesn't need a vision
That he only has permission
To do my instant bidding
Which is to say what I have told him
To repeat

Desconfiem das teorias que nos impedem de ver com o coração, tantas vezes colocado de lado por esse “respeito ao saber”

Desconfiem das teorias que nos impedem de ver com o coração, tantas vezes colocado de lado por esse “respeito ao saber” que, nesse caso, fica deslocado. Desconfiem das iniciações, pois todos são iniciados pela vida, pela realidade de hoje! Vamos seguir a senda!

E o que dizer da importância do templo?...

Quando as sete velas sagradas do candelabro estão acesas? Jesus dizia: “Nos céus os pássaros vos precederam e na água os peixes”. E no devachan, os anjos, os tronos ou os serafins. Pois a luz e a confusão não caminham juntas, nem a luz e as águas turbulentas do egocentrismo, nem a luz e os impulsos de um coração em trevas. Mas quando nos é dito:

“Elevai-vos! Abandonai o passado! Conhecei, pois, a luz!”, escutemos com toda a inteligência de nosso coração e nos abramos a esse chamado. Nada mais nos é pedido.

Ora, agora se apresenta a nós a seguinte questão: precisamos, antes, vencer nossas emoções negativas, nosso caos emocional, nossos pensamentos tortuosos etc.? Quem conseguiria fazer isso sem precisar amputar a metade de seu ser? Quem poderia, então, ainda existir? Não. Se quisermos alcançar tanto a claridade quanto as soluções e a realidade da luz, então precisamos amar a luz!

“Conhececi a luz e amai-a!”, diz Hermes Trismegisto. Na luz, tudo fica transparente, e as águas turvas tornam-se claras como torrentes. Então, oxigênio e luz podem nos reanimar.

O milagre do Eterno está aqui, no ser humano. Ele nos perpassa e nos envolve. É o maior milagre: um milagre que jamais vimos. Não olhemos para o que é temporal; enxerguemos o novo! Não olhemos para a pessoa diante de nós, com seus pensamentos, temperamento e sangue. Olhemos para novo homem dentro dela, pois “Aquele que não conheceis está entre vós”.

E, como é dito no Evangelho dos Doze Santos: “Se vistes o vosso irmão e sentistes o seu amor, vistes então o Pai, e se vistes a vossa irmã e sentistes o seu amor, vistes então a Mãe. Longe ou perto, o Santíssimo conhece os seus; sim, em cada um de vós a Paternidade e a Maternidade podem ser vistos, porque o Pai e a Mãe são Um em Deus.”

Voltemos ao nosso assunto. Se o céu nos é oferecido, nós o recusamos porque não sabemos o que fazer com ele. Por outro lado, conservamos sua luz – a fé na sagrada força do amor. Vamos tentar nos aprofundar nessa ideia, pois aí se encontra o novo pensar! O Livro da Sabedoria não diz: “Não sabeis que vosso

corpo é o templo do Altíssimo?”? Pois então: aqui, somos indispensáveis! Nosso céu está exatamente onde estamos. O Criador privaria alguma única parte de sua criação de Sua presença irradiante, do brilho de seu ser? Não acreditem nisso: pensem a luz e ela será! Façam como o Criador: ele pensa e simplesmente isso acontece! Ele nos reúne a todos em sua luz, em sua gloriosa presença sétupla. Ele nos reúne a fim de que possamos contemplá-lo o mais rapidamente possível, e como convém.

J. van Rijckenborgh assim expressou essa verdade: “O que dá à onda de vida humana seu lugar específico no Universo? O veículo físico! Ele nos distingue dos anjos e arcanjos. O corpo é o que há de mais sagrado, apesar do fato de ser perecível. Não buscamos a iniciação fora do corpo, mas sim dentro dele. Nós a buscamos no corpo e com um corpo perfeitamente consciente: almejamos a consciência superior, a comunidade dos libertos e a vida imortal. Não separamos o perecível e o imperecível: nós os unimos intimamente.

(...) Realmente: o perecível é convidado a se tornar imperecível e o mortal, imortal. Buscamos a iniciação naquilo que é profundamente humano, naquilo que é essencialmente humano: na manifestação física. Conquistamos o reino com força, a fim de estender para nossos irmãos e irmãs os frutos da vitória”. (J. van Rijckenborgh, *A iniciação, ontem e hoje*. 1939) ✪

Voltando para casa / Leonard Cohen

Gosto de falar com Leonard
Ele é um esportista e um pastor de ovelhas,
Um cara preguiçoso
Que vive dentro de um terno.

Mas ele realmente fala o que eu lhe digo
Mesmo quando não está de acordo
Ele simplesmente
Não tem liberdade para recusar.

Ele dirá essas palavras de sabedoria
Como um sábio, um homem de visão
Embora ele saiba que não é nada:
Apenas a breve elaboração de uma canção de sucesso.

Voltando para casa
Sem minha tristeza
Voltando para casa
Em algum momento amanhã,
Voltando para casa
Onde tudo é melhor
Do que antes.

Voltando para casa,
Sem meu fardo.
Voltando para casa,
Por detrás da cortina
Voltando para casa
Sem o uniforme
Que eu usava.

Ele quer escrever uma canção de amor,
Um hino ao perdão,
Um manual para conviver com a derrota,

Um grito que ecoe acima do sofrimento
A recuperação pelo sacrifício
Mas não é isso
Que eu peço para ele fazer

Quero que ele tenha a certeza
De que não está carregando nenhum fardo
E de que não tem necessidade de ter uma visão
De que ele tem somente a permissão
De executar meu pedido imediato
De contar o que eu lhe pedi
Para repetir.

calar-se diante do indizível

“É impossível expressar a verdade eterna na sua totalidade. Ela não pode ser comunicada boca a boca. Nenhuma pena a pode descrever. É absolutamente impossível, mesmo para o mais alto iniciado”¹

A fala e o silêncio mantêm um relacionamento sutil, complexo e paradoxal. Alguns silêncios expressam e geram profunda harmonia, comunhão. Com palavras vazias, podemos causar mal uns aos outros. Em muitos textos sagrados e seculares, de todas as culturas, inúmeras odes cantam, profusamente, louvores ao silêncio, expressando a relatividade da palavra ou sua inutilidade. No entanto, outros, ao contrário, celebram o falar. Culturas passadas e presentes transbordam palavras sagradas de todos os tipos: palavras, palavras, palavras... como se nosso ser e nossa própria existência dependessem disso.

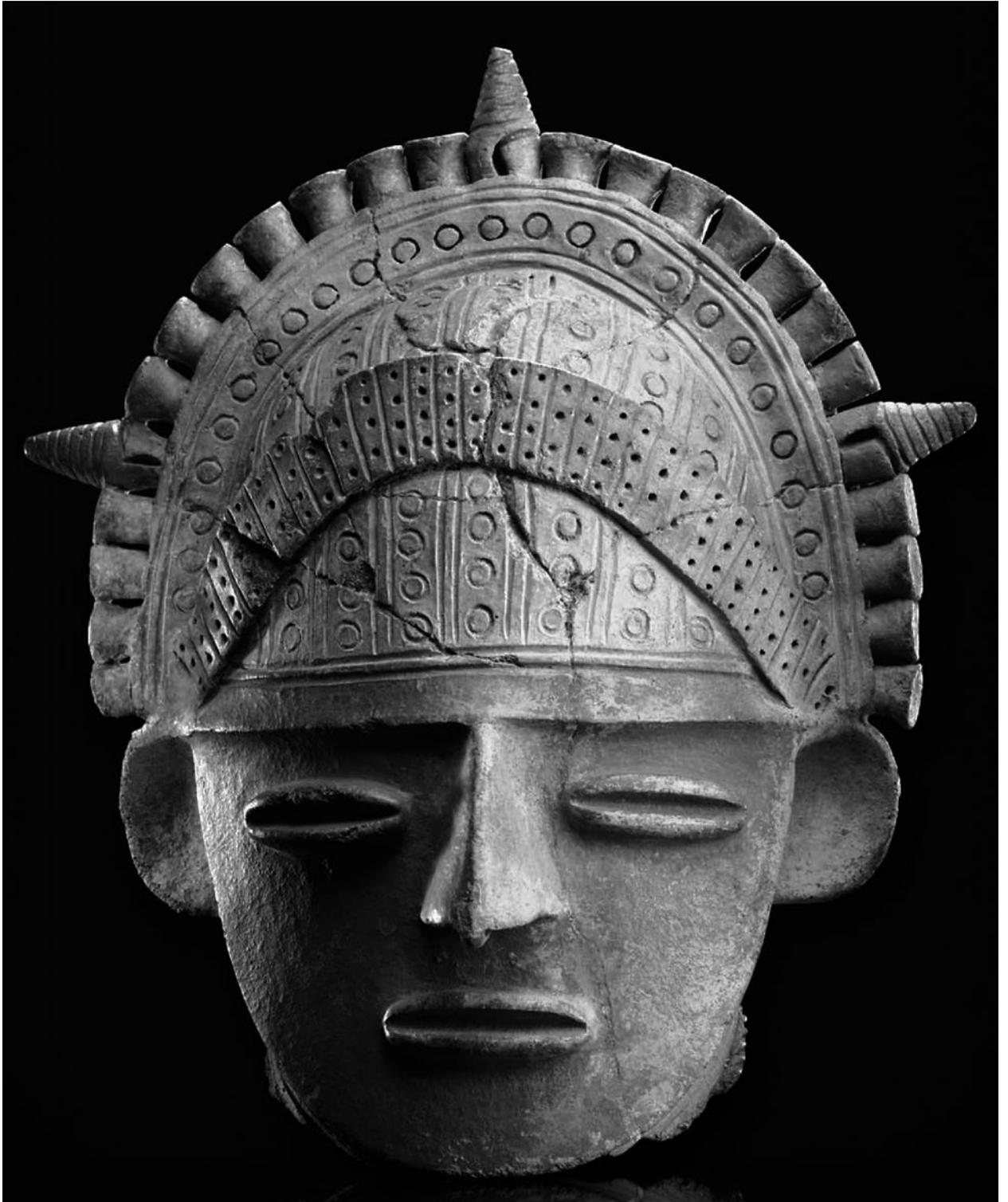
Recuperados da surpresa causada pelas rajadas de luz recebidas, alguns pesquisadores não conseguem parar de tagarelar; alguns com cuidado e sobriedade, fazendo rodeios e referências vagas; outros ainda extasiados como na relação direta com Deus, ignoram o conselho do Eclesiástico: “E apliquei o meu coração a esquadrinhar, e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu; esta enfadonha ocupação que Deus deu aos filhos dos homens”.² E também: “Quando apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria, e a ver o trabalho que se faz sobre a terra (pois homens há que nem de dia nem de noite conseguem dar sono aos seus olhos), então contemplei toda obra de Deus, e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; pois por mais que o homem trabalhe para a descobrir, não a achará; embora o sábio queira conhecê-la, nem por isso a poderá compreender.”³

Os buscadores, então, tomam da palavra e começam a escrever. Com delicadeza, Inayat Khan mostra a impossibilidade – ou a possibilidade – da tarefa: “O mensageiro deve tentar dar ao mundo o oceano inteiro em uma garrafa.”⁴ A criança que quer esvaziar o mar com uma colherzinha em um buraco na praia, mostra ao “Agostinho em nós”, o resultado esperado. Todos os que procuram expressar o verdadeiro batem contra esse muro, os termos faltam, as palavras não estão à altura ou vice-versa, e é o mesmo: sempre mais palavras para dizer menos.

Fazer “a” grande pergunta seria um esforço vão? Não é verdade que sempre iremos receber como resposta uma palavra, um símbolo? Será que o Outro não encontra vaga alguma na hospedaria da linguagem? Não é verdade que a língua sagrada está impregnada no real, pelo menos nas entrelinhas? E seremos capazes de perceber isso? Realmente conseguimos compreender que “a Palavra perdida surge detrás do método, detrás da linguagem sagrada, detrás da conscientização filosófica”⁵? Ou então somos seres que têm olhos para ler mas não lemos, mesmo quando somos advertidos: “Leia! Mas aí não está o que é dito”⁶? Quando as palavras se transformam em chaves? Falar e escrever sobre “Isto” cairia sempre no vazio e seria sempre em vão?

Busto de lutador colombiano muisca, alto dignatário, proveniente de uma estátua de quase um metro, datada de aproximadamente 1200 a 1600 a.C.

Realizado em terracota (National Museum of the American Indian)





Vasilhas dos povos ancestrais. National Museum of the American Indian

I found the words to every thought, I ever had – but One. (Encontrei palavras para cada pensamento que já tive – menos Um.) escreveu Emily Dickinson. Essa observação prova que ela estava consciente da existência de um pensamento único: daquilo que ela não conseguia expressar em palavras. No entanto, em um “estado pré-linguagem”, ela o conhece em algum lugar, internamente. Mas, um pensamento sem palavras... isso é possível? Conseguimos pensar sem a linguagem? “Encontrei palavras para cada pensamento, que já tive – menos Um”. Não há um ditado que diz “Deixe que as letras falem sobre o espírito”? Não literalmente, mas sim como uma sugestão intuitiva de uma sensação, de uma experiência, de uma lembrança do divino?

Sem jamais poder expressá-lo... o buscador não consegue silenciar

Seria possível, realmente, entrar em contato com a linguagem sem fazer uso dela? Ou em outras palavras: existiria, para o Indizível, uma nova língua, autêntica, silenciosa, sem palavras? Uma linguagem que ressoa em torno, acima, abaixo, entre e além das palavras? E como podemos aprender essa linguagem? Ou será que já a conhecemos? Então, nos esquecemos dela? “A Palavra esquecida é um estado de ser”.⁷ Precisamos somente nos lembrar dela? E essa linguagem não é a nossa verdadeira língua mãe, falada na Casa do Pai?

Mestre Eckhart escreveu páginas e páginas falando e pregando incansavelmente, sem querer dizer qualquer coisa sobre Deus mesmo. Lao Tsé dedica a ele oitenta e um versos, mas desde o primeiro verso o chamou de “o Inexprimível”. E Rilke escreveu: “Acredito em tudo o que não foi dito”. Aí está uma aparente contradição que a humanidade vivenciou, em todos os tempos e em todos os lugares, ao se aproximar com todas as suas ferramentas linguísticas para descobrir as coisas sagradas, aprofundar-se nelas e recebê-las. O homem, destemido e incansável, atormentado por seu desejo mais profundo, procurou e ainda procura, em vão, a verdadeira Palavra de Deus

para finalmente evidenciar, esclarecer e expressar o que está mais perto do que mãos e pés, mas que não é deste mundo. Embora a fronteira entre a língua morta e a língua viva seja bem estreita, e mesmo que isso signifique perder algo ao descrever ou – ainda pior – destruí-lo, não podemos nos calar sobre o que sabemos expressar. Mesmo sem ser capaz de traduzi-lo na íntegra, corremos o risco... pois calar-se não é próprio do buscador. O homem é um doador de sentido, como um prisma que divide a luz branca invisível para obter as cores visíveis da linguagem. Na melhor das hipóteses, suas palavras servem como ponte ou trilha para religar o tempo e a eternidade, sem cair ou se afogar.

Mas, será que sem palavras nem indicações, sem uma bússola, nós nos perderíamos, em silêncio, em nosso caminho espiritual? Continuamos no fio da navalha! Afinal, “falar” está a dois dedos de “calar” e vice-versa. Em última análise, no limite estão a ponte, a trilha, a bússola, as placas de indicação de rota.

Finalmente nos livraremos dos instrumentos – isto é, das palavras pelas quais nos orientamos – como se voltássemos para o período anterior à criação, quando não havia palavras ou nomes. Então, as palavras, as cores, se dissolverão e se reunirão novamente na luz branca invisível.

“A verdade eterna nunca se deixa exprimir em sua totalidade. Ela não pode ser comunicada boca a boca. Não há uma pena capaz de descrevê-la. É absolutamente impossível, mesmo para os iniciados mais elevados. Há apenas uma possibilidade, ou seja: que o homem, no santuário

de seu coração, encontre a resposta às suas questões existenciais mais sufocantes e opressoras, nas profundezas mais íntimas da centelha divina, quando a ilusão do eu já se foi”.⁸

Depois de todos os nossos esforços vãos e inúteis para expressar ‘Isto’, percebemos, aos poucos ou de repente, que nossa vontade de comunicar precisa se calar para dar lugar à vontade Dele de falar. E é então que, através do eu que já não nos pertence, e além dele, a Palavra de Deus se expressa em qualquer língua: no silêncio e nas palavras, no vazio e na plenitude, no fazer e no não-fazer. Então, reúne-se no ‘Um’ o que estava fragmentado. ‘Isto’ irradia plenamente de Si mesmo – não poderia ser de outra forma. E ‘Isto’ não se calará jamais! ☸

Imagem

Cortesia do Smithsonian Institution, National Museum of the American Indian. A obra: *Infinidade de Nações: Arte e História nas Coleções do National Museum of the American Indian* está disponível na livraria Pentagrama em Haarlem na Holanda

Fontes

1. Petri, C. de. *O Verbo Vivente*, Rosacruz: Jarinu, 2006, cap. XXXIV.
2. Eclesiastes 1:13
3. Eclesiastes 8:16-17
4. Witteveen, H.J. *Tot de Ene*, Deventer: Ankh Hermes, 2006, p. 102
5. Rijckenborgh, J. van, Petri, C. de, *A Fraternidade de Shamballa*, 3.ed. Jarinu: Rosacruz, 2007, cap. II
6. Nijhoff, Martinus, *Awater* www.nbnl.org
7. Rijckenborgh, J. van, Petri, C. de, *A Fraternidade de Shamballa*, 3.ed. Jarinu: Rosacruz, 2007, cap. III
8. Petri, C. de. *O Verbo Vivente*, Rosacruz: Jarinu, 2006, cap. XXXIV.

hilma af klint

Em 1907, quatro anos antes que se falasse em arte abstrata, uma discreta artista sueca da primeira década do século 20 realizou uma série de quadros intitulados *Pinturas para o Templo*. Eram 193 telas de arte tipicamente abstrata e de maturidade incontestável, que permaneceram totalmente desconhecidas até recentemente.



Hilma af Klint (1862-1944) considerou que ainda não era chegado o momento para que sua arte visionária pudesse ser compreendida, arte que possuía como base uma dimensão espiritual. Há mais de um século ela pintou dezenas de imagens icônicas, mas manteve-se afastada de exposições. Em seu testamento, estabeleceu que suas pinturas abstratas só poderiam ser exibidas ao público vinte anos após sua morte. De fato, foram necessários cerca de 20 anos, até meados dos anos 80, para que sua obra fosse exposta pela primeira vez. O grande avanço ocorreu em 1986, com uma exposição em Los Angeles, que apresentou uma seleção de seu fascinante trabalho.

É fato notório que Hilma af Klint já havia desenvolvido uma linguagem abstrata original e dinâmica, antecipando-se aos protagonistas do modernismo como Kazimir Malevich, Kandinsky e Piet Mondriaan. Hoje ela é considerada uma das pioneiras da arte abstrata. Mas afinal, quem foi Hilma? Uma artista nascida e educada com uma visão clara, completamente absorvida pela arte. Ela cresceu numa área privilegiada e foi bastante incentivada por seus pais, que muito cedo perceberam seu talento particular. Frequentou a Escola Técnica Artística (*Tekniska Skolan*, atual Konstfack) de Estocolmo, assim como a Academia Real de Belas Artes. Após a formatura, quando possuía um pequeno estúdio particular em Estocolmo, Hilma ganhava a vida como pintora de retratos e de paisagens. Artista naturalista, ela trabalhava com

discrição, pois o meio artístico da época, dominado pelo sexo masculino, não era propício ao desenvolvimento de uma artista tão modesta como Hilma. Além do mais, ela possuía uma vida interior completamente diferente, que ela traduzia numa linguagem visual única, mas da qual não revelou os resultados para o mundo. Por que Hilma queria manter secretas suas pinturas? Qual era seu objetivo?

O interesse pelo invisível era grande na época. Podemos verificar esse fato graças a uma série de descobertas científicas como os raios-X e as ondas eletromagnéticas. As sessões espíritas também ganhavam destaque, talvez devido ao fato de que muito do que era invisível poderia então ser avaliado cientificamente.

Aos 34 anos, Hilma af Klint fundou com outras quatro mulheres o “Círculo das Cinco”. Realizavam reuniões regulares, durante as quais claramente viviam experiências espirituais. Elas descreviam suas experiências também por meio de desenhos. Hilma começou então uma viagem interior, num mundo que ela manteve secreto durante muitos anos. Tinha uma visão esotérica da vida, dedicava-se à Teosofia e desejava desenvolver-se ainda mais. Em Dornach (na Suíça), entrou em contato com o pensamento antropológico de Rudolf Steiner e estudou assiduamente os ensinamentos rosa-cruzes. Rudolf Steiner teria dito a respeito de Hilma que a humanidade necessitaria de mais cinquenta anos para compreender sua arte. Hilma percebeu que estava

Após uma centena de anos,
é chegado o tempo para a sua arte



Hilma af Klint, Sem título. O olhar sobre as flores e as árvores, 1922



ligada a uma energia ou influência espiritual de dimensão completamente diferente.

A unidade de todas as coisas e a interdependências de todas as formas de vida perpassam sua arte. Hilma pintou uma série de quadros com símbolos e figuras geométricas, nos quais a forma do círculo constituía um tema recorrente central. Às vezes, eram círculos concêntricos, às vezes superpostos, às vezes apareciam como elipses, espirais ou conchas. Em um de seus escritos, *Símbolos, Letras e Palavras*, Hilma fornece o significado dos símbolos utilizados em suas pinturas. “A concha e a espiral designam um desenvolvimento, o azul e o amarelo representam o feminino e o masculino, assim como o lírio ilustra o princípio feminino e a rosa o masculino. A letra W é sinônimo de Matéria e a letra U, sinônimo de Espírito. A forma de amêndoa (*vesica pisces*, auréola) é um símbolo de unidade e de realização.”

As pinturas precitadas da série *Pinturas para o Templo* ou simplesmente *O Templo* são suas obras mais importantes. Hilma descreveu como suas primeiras pinturas foram realizadas: “Pinte os quadros num impulso, sem rascunhos e com muita energia. Não tinha a mínima ideia do que as pinturas representavam, mas trabalhava rápida e confiante, sem ao menos retocar uma pincelada.”

Nessa série, refletem-se os diferentes estágios de desenvolvimento da matéria, chamada de W, ao se transformar em espírito, a letra U. Uma das etapas na via dessa metamorfose é a fusão dos princípios masculino, o amarelo, e do princípio feminino, o azul. As dimensões desses quadros são gigantescas. Construindo mediante a pintura um templo exterior, ela edificava seu próprio templo interior. Ela se expressava deste modo: “À medida que descrevo o caminho, eu o percorro.”

Graças à exposição iniciada na primavera (europeia) de 2013 no museu de Estocolmo, que passou por Berlim e Málaga, o mundo pôde familiarizar-se com um resumo de sua obra, a maior realizada até agora. Escondidos como estavam, em caixotes e caixas fechadas durante décadas, alguns trabalhos tinham até então permanecido desconhecidos.

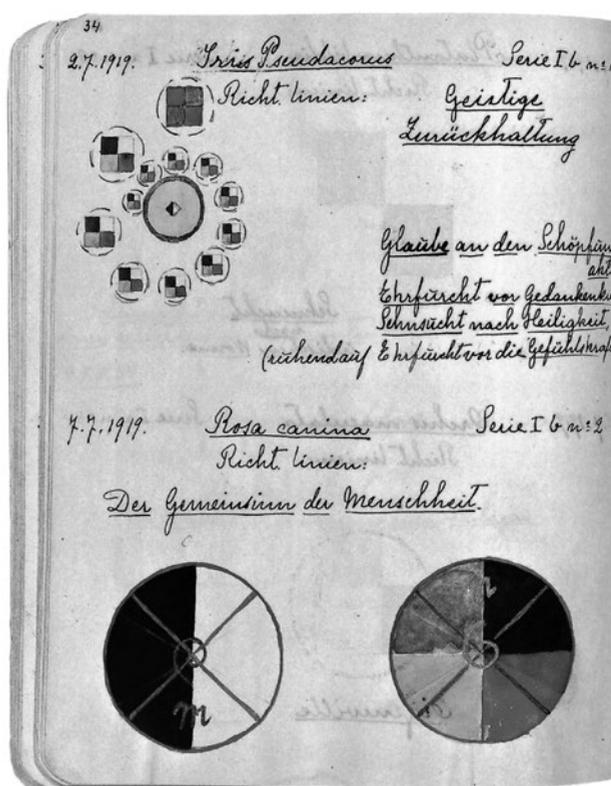
Logo na entrada, o visitante é recebido por quadros de mais de dois metros de altura, leves e iluminados, que dão a impressão de uma atmosfera templária. Seguramente, a exposição é uma homenagem a algo grandioso,

É como se fôssemos “transportados”... como se através das janelas da alma os domínios do micro e do macrocosmo pudessem ser contemplados

de dimensão universal. É realmente incrível imaginar que essa senhora miúda, levando uma vida aparentemente banal e sem alarde, tenha produzido todas essas obras imensas, não somente em tamanho quanto em concepção. Sentir pela primeira vez a força espiritual em sua obra é tão impressionante quanto experimentar pela primeira vez a majestade e a grandeza de um templo egípcio, ou ser confrontado com a visão do Grand Canyon. É como se fôssemos “transportados”. Como se através das janelas da alma os domínios do micro e do macrocosmo pudessem ser contemplados.

Pensar que Hilma pintava para o futuro, para uma centena de anos mais tarde, e se encontrar então face a face, é grandioso e impressionante ao mesmo tempo. Fica-se profundamente tocado pelo fato de que alguém possa expressar algo tão vasto e visionário.

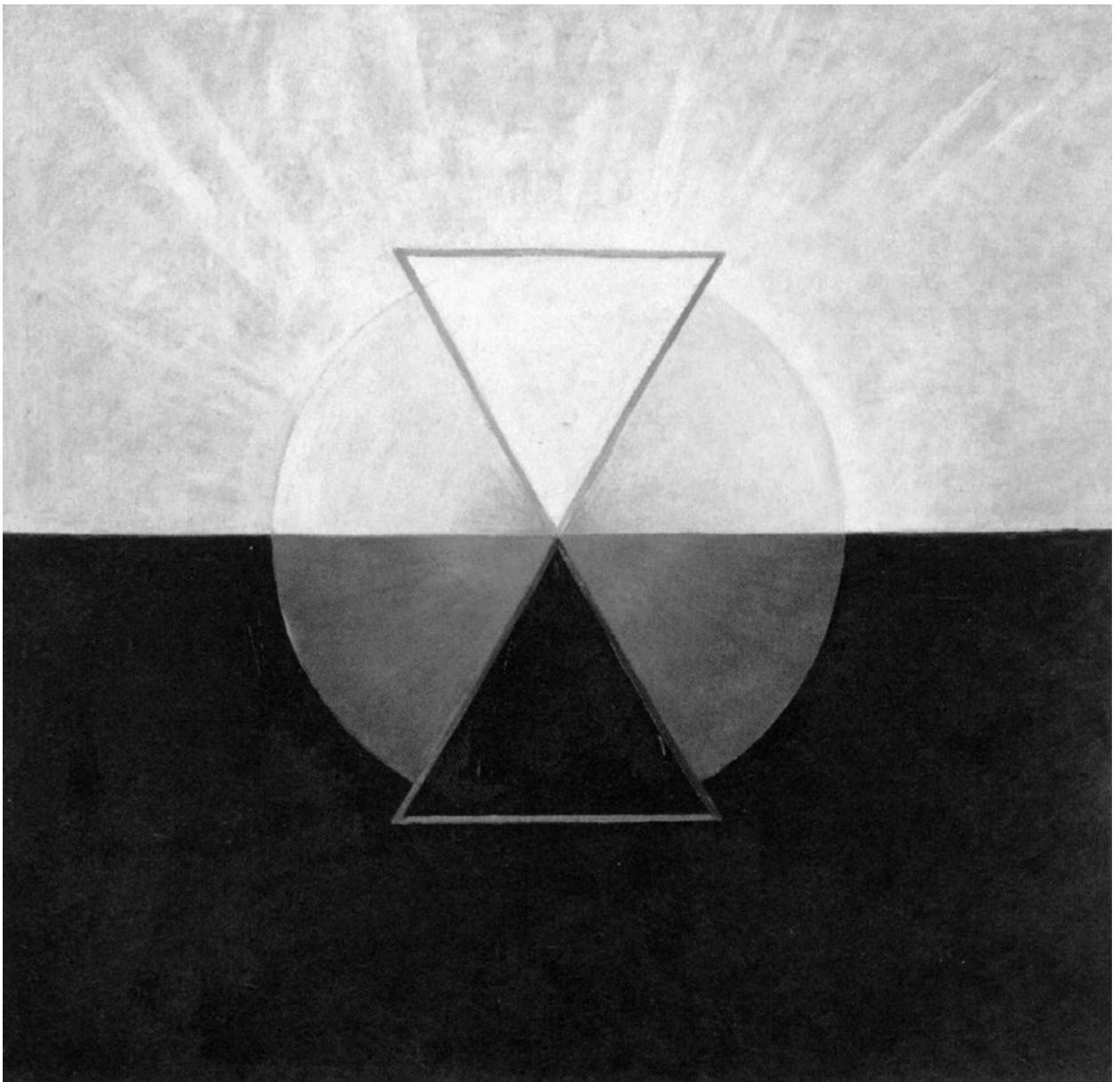
Segundo seu sobrinho, Erik af Klint, a quem Hilma legou todas as suas pinturas, esboços e cadernos (colocados desde 1972 sob os cuidados de uma fundação), sua tia não era de modo algum alheia ao mundo. Tratava-se de uma pessoa instruída, consciente de si mesma, centrada e que, apesar de levar uma vida modesta e pura, ocupava seu lugar na sociedade. O que é surpreendente é que seu trabalho fala diretamente ao coração. À primeira vista, temos a impressão de perceber círculos, elipses, triângulos e cubos simples e ingênuos, porém olhando-os mais de perto, descobrimos uma complexidade em movimento. Tudo está interconectado em diferentes fases de



Página de um caderno de notas sobre flores, musgos e bolores

desenvolvimento. As séries, que por sua vez se compõem de subgrupos, também possuem nomes simbólicos tais como *Atom* (Átomo), *Parsifal*, *Dove* (Pomba) *Sjostjärnan* (Estrela do mar). As formas vão surgindo constantemente, como se viessem de uma fonte inesgotável. Tudo gira em torno de uma busca interior, uma busca do sentido da vida na terra: o que estamos fazendo aqui? Qual o sentido

Hilma af Klint A obra de Hilma af Klint sempre reflete contradições, oposições. Na série da *Árvore do Conhecimento* de 1913, as aquarelas, em razão de seu tamanho relativamente reduzido (46x30 cm), mostram um contraste com relação à série colossal das *Pinturas para o Templo*. São imagens que expressam uma estrutura cabalística, orgânica. Aliás, apresentam o jogo da dialética: masculino e feminino, obscuridade e luz, tempo e espaço, vida e morte.



Em suas pinturas, tudo faz parte de um conjunto maior, podendo-se observar o modo como as partes se ligam em relação umas às outras, uma concepção encontrada em diversos lugares em suas notas. Sua produção é abundante, compreendendo mais de mil obras. Hilma também publicou em seu caderno *Estudos sobre a vida da alma* (1917-1918) suas considerações sobre a coesão espiritual do mundo. Além disso, seus diários íntimos e suas notas formam um tipo de cosmologia onde ela explica como veio sua

inspiração e o significado dos símbolos e das letras utilizados. As cores também possuíam um significado simbólico para Hilma, assim como as formas, as imagens e as letras. As cores irradiam, e as dimensões de certas obras são gigantescas. Os quadros possuem um aspecto extremamente moderno, tendo até mesmo sido qualificados por um crítico de arte como "ultramodernos". Eles também contêm sulcos, espirais, elipses, movimentos ondulatórios, sementes e serpentes, bem como formas que se assemelham a plantas e flores.

de nossa vida, de todas essas inumeráveis formas de vida?

Hilma af Klint explora o mundo em geral e em particular. Ela percorre um caminho do caos à harmonia, de um morrer ou diminuir a novos horizontes espirituais. Desafiados, desejamos incansavelmente descobrir novas perspectivas. Em numerosas pinturas, aparecem os contrários que se mantêm mutuamente em equilíbrio: as formas Yin e Yang, os cisnes brancos e negros em simbiose, às vezes pirâmides em oposição, e novamente semicírculos geométricos brancos e pretos. Tudo parece contribuir para a unificação, para uma conclusão. Aspirar a essa apoteose é o tema central do trabalho de Hilma.

O quadro *Imagem de altares*, pertencente à série de *Pinturas para o Templo*, representa um triângulo que culmina num sol. O triângulo forma uma pirâmide. No topo da pirâmide, um triângulo negro com um ponto luminoso é envolto por um círculo dourado que irradiava folhas de ouro. O triângulo e a pirâmide podem ser considerados símbolos alquímicos: a união da terra, do celeste e do universal. A pirâmide simboliza o caminho do buscador através de diferentes dimensões, do terrestre ao celeste. Podemos supor que Hilma af

O triângulo e o círculo, assim como a pirâmide, podem ser considerados símbolos alquímicos da união entre o que é da terra, do céu e do universal. O quadro é a representação abstrata dos cisnes brancos e negros (c.f. pág. 21.), tal como os via Hilma af Klint.

O cisne, N° 13, grupo IX, 1915

Klint, grande colorista e instruída como era, tenha sido influenciada pelo livro *Do espiritual na arte*, de Kandinsky (1911) e por *Teoria das cores*, de Goethe.

Após 1920, seu estilo de pintura se modifica novamente, em consequência de seu encontro com Rudolf Steiner. Ela começa a perceber as relações espirituais no seio da natureza. Abandona suas composições geométricas e, após uma pausa de vários anos, começa a pintar em aquarela, quando então o tema submete-se à cor. Hilma analisa o macrocosmo e o microcosmo segundo a perspectiva: "assim como é em cima, assim é embaixo".

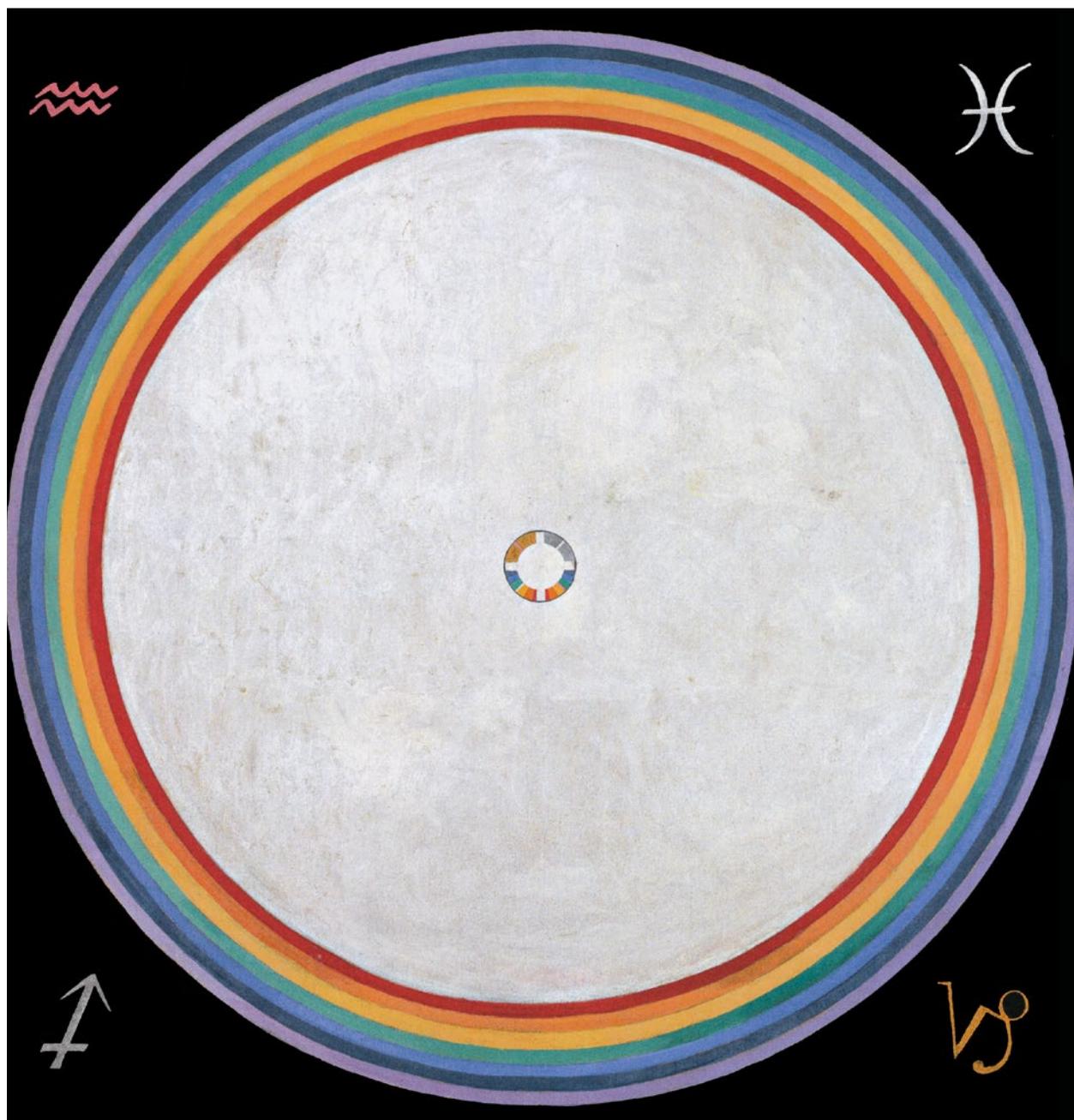
Sabemos que após seu encontro com Steiner, Hilma mergulhou na filosofia rosa-cruz da época e ficou dois anos sem pintar. Considerando-se a produção colossal de anteriormente, realizada "em segredo", podemos imaginar que, durante esse período, ela devesse estar exausta. Pequena, magra e ascética, vivia isolada e não buscava honrarias. Ela imergiu completamente na arte e considerava-se uma humilde servidora: jamais assinou seu trabalho esotérico. ✪

Fontes:

Fant, Ake: *Hilma af Klint: Pintora ocultista e pioneira da arte abstrata*, ex. cat. Museu Moderno, Estocolmo 1989

Müller-Wetermann, Iris (ed.): *Hilma af Klint- Uma pioneira da abstração*, Museu moderno, Estocolmo 2013

Lindén, Gurli e Svensson, Anna Maria: *Dispositivo além da diversidade*, Hölö 1999



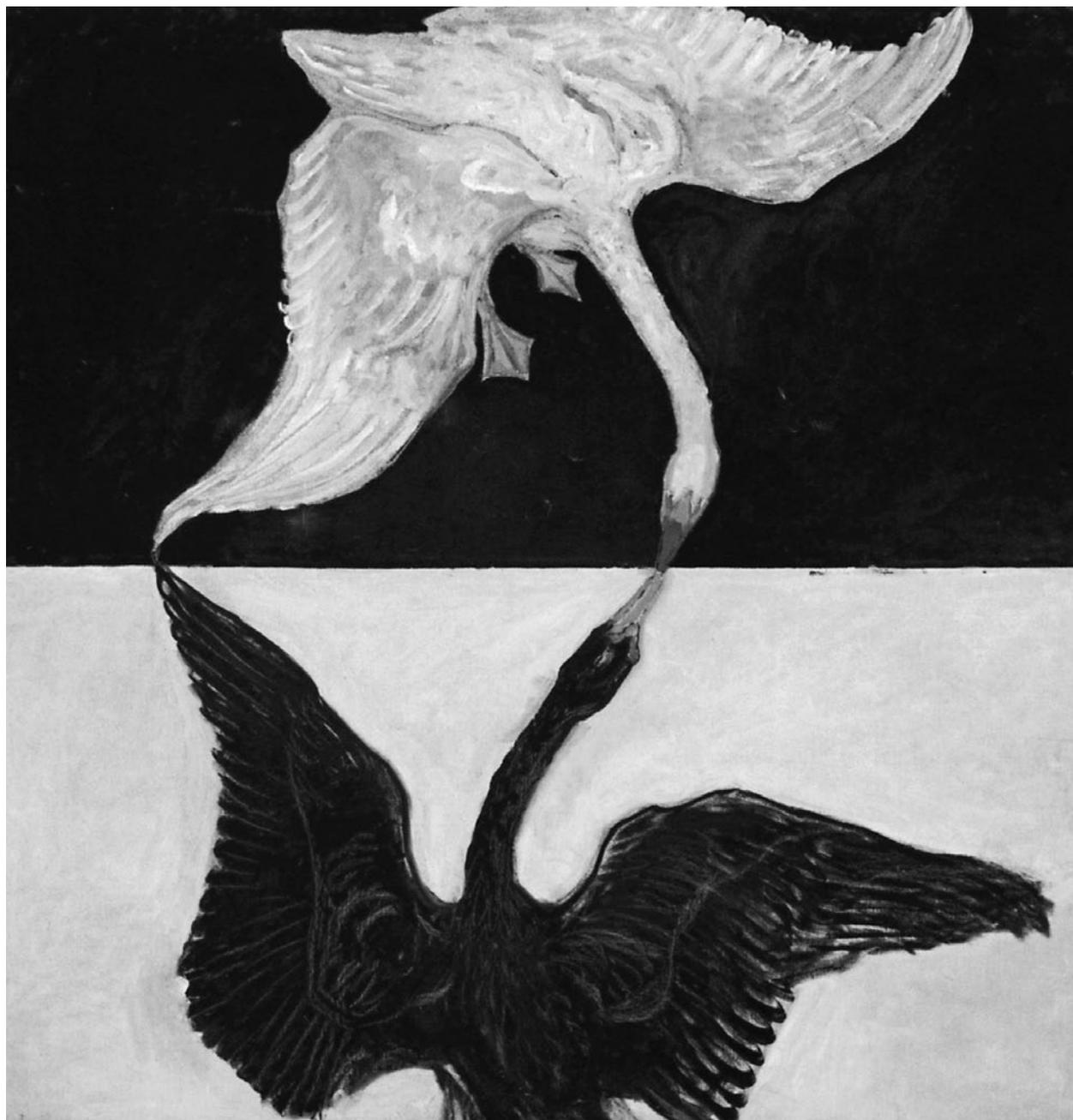
A cruz móvel, os sete raios e a cruz de luz libertadora no centro.

Em Astrologia, a cruz móvel Peixes-Gêmeos-Sagitário e Virgem designa uma pessoa aberta, reflexiva, servidora e que se esforça por adquirir grande mobilidade de espírito.

Quando expôs suas obras figurativas do início de sua carreira, Hilma julgou que suas telas experimentais gigantes, tal como essa representada acima, cuja inspiração lhe viera do mundo espiritual, só poderiam ser expostas 20 anos após sua morte.

Segundo a artista, seus contemporâneos não estavam à altura para compreendê-las.

Da série *A pomba*: Nº 14, grupo IX, 1915



A artista consegue trazer uma luminosidade cristã à linguagem conceitual teosófica e dotar as figurações da tradição cristã de uma forte carga esotérica. A exemplo de H.P.Blavatsky, Hilma via nos cisnes branco e negro a expressão do “mistério dos mistérios” e “da dignidade do espírito”.

Da série *A pomba: O cisne* – N° 1, grupo IX, 1915

a essência da arte

I ARTE, CIÊNCIA E RELIGIÃO

“Com relação à arte, referimo-nos”, assim escrevia J. van Rijckenborgh, “às normas esotéricas, científicas e religiosas cujas origens a sociedade esqueceu. A arte representa um dos aspectos da realidade, o aspecto plástico na vida. Ela não existe por si mesma. Nós a vemos como um dos três elos da corrente constituída pela ciência, religião e arte. A ciência é a ideia: a *idealidade*. A religião é a força que se liga à ideia e se torna *vitalidade*. A arte que se materializa na vida torna-se *realidade*. Todo ser humano dispõe de uma certa ideia das coisas e de uma certa força. Em certo sentido, todo ser humano pode ser considerado um artista. O que nele vive como força abstrata exterioriza-se como arte. Mediante a arte, o abstrato se torna concreto. Entretanto, hoje em dia, a dissensão entre os indivíduos é tal, que uma apreciação unânime da arte é impossível. E se acontecer de as opiniões concordarem, será apenas por razões de cultura: cultura dialética ou religiosa. [...] O verdadeiro aluno nada faz nesse sentido, pois sabe que através da edificação de seu corpo celeste participa de um novo campo de vida, um mundo onde religião, ciência e arte são unos.” (J. van Rijckenborgh, *Pentagrama 2004 - nº 5*, p. 32, 35)

Nesse sentido, a arte constitui o desenvolvimento e a mais elevada tarefa de formação. O conhecimento e a energia universais movem o homem que busca manifestar, concreta e livremente, o homem divino autêntico na realidade. Porém, é evidente que a ideia predominante na arte atual já não participa do conhecimento da tríplice unidade ciência (compreensão), religião (força,

energia) e arte (realização), pois se separou e se desvinculou delas. O unilateralismo crescente e o empobrecimento resultante são claramente perceptíveis através das numerosas facetas da arte moderna. Essencial, o vazio ilustra a ausência de dimensão espiritual. J. van Rijckenborgh escreve também: “No entanto, é certo que arte, ciência e religião não podem tornar a humanidade feliz. (...) Podeis cultivar essa vida, exaltá-la de mil e uma maneiras, porém essa cultura não pode libertar-vos. A cultura de vossa vida mantém-vos ocupados, eventualmente de maneira febril. Fostes instruídos e instruíis, porém de modo algum sobre o reino dos céus, objeto de especulação de toda a cultura metafísica”. (J. van Rijckenborgh, *O novo sinal*, p. 123-124)

Se arte, ciência e religião formam uma unidade, a realização desses três impulsos de luz libertadora dá origem à arte verdadeira: o impulso ideal – o conhecimento universal, o anelo vital – a energia universal, o impulso realizador – a arte universal. O artista, em verdade todo ser humano que se baseia nesses três impulsos e testemunha assim do reino da luz, seja mediante

Da união do sol e da lua nasce o Mercúrio dos filósofos, que a arte alquímica representa por uma jovem cujos pés repousam sobre o sol e a lua e sobre cuja cabeça coroadada vemos elevar-se um pássaro azul, símbolo de uma nova consciência. Numa das mãos ela tem uma taça com serpentes, na outra uma lua crescente. É a expressão da sabedoria: suas forças lunares ou astrais estão dominadas.

Figura extraída do *Rosário dos filósofos*, manuscrito do período de 1625 a 1650, atualmente em Paris.

16
Hi ist geboren Solis und Lüne Kindt
Desgleichen unmannt auf Erden findt
Und in die wolle doch gern erkennit
Mercurius philosophorū ist Er genennit.





a forma, a cor ou o som, manifesta no mundo algo da vida original e cria, assim, uma ponte. Porém, quando a arte se separa de sua tríplice unidade com a ciência e a religião, se emancipa e se torna autônoma, perde o brilho da realidade e torna-se um método de cultura sem aspecto libertador. Entretanto, esse método de cultura não é inútil. Ele tem um efeito demolidor. Pela arte, a ciência e a religião natural, bem como todas as suas combinações, a humanidade é impulsionada de uma crise a outra. Isso aguça a consciência do ser humano até que, chegando ao cume da evolução de sua consciência, ele experimenta e identifica com certeza inabalável os limites do método baseado na cultura do eu.

TODO SER HUMANO É UM ARTISTA Nesse contexto, consideremos por um instante um dos artistas mais influentes do século passado, Joseph Beuys (1921-1986), pintor, escultor e artista conceitual. Comentando uma de suas fotos – que o mostra caminhando, com aparência de alguém bem arrumado, sério e determinado, ele afirma: “A revolução somos nós”. Ele conhecia a *Tabula Smaragdina* e o *Corpus Hermeticum*, atribuídos a Hermes Trismegisto, o mestre tríplice segundo espírito, alma e corpo, que dizia: “A ciência e a arte verdadeiras provêm da religião verdadeira”. Graças a essa compreensão, Joseph Beuys fez essa declaração muito conhecida, mas frequentemente mal compreendida: “Todo homem é um artista”. Assim, ele chegou à mesma conclusão que J. van Rijckenborgh. Por meio de nossos pensamentos, sentimentos e vontade criamos constantemente nossa própria

imagem tridimensional. A questão é saber de que ponto de vista nós o fazemos, segundo qual relação, segundo quais critérios e com qual motivação. Quando consideramos o que a arte em seu conjunto significa em seus diversos níveis, ela é, como verdade e realidade divinas, não revelada e inefável. Em sua manifestação, a arte é ou de natureza divina, ou de natureza inferior própria de nosso mundo, onde os polos positivo e negativo se opõem, onde toda formação e todo desenvolvimento se desintegram e se dissolvem. No que nos diz respeito, a arte mais elevada consiste na recriação do homem como microcosmo à imagem de Deus, segundo o plano original. Nesse sentido, a arte é o aspecto formador mais elevado, livre de toda ligação temporal. Tradicionalmente tem havido artistas cujas obras lançaram uma ponte entre este mundo e o reino celeste ao revelar em segundo plano a dimensão espiritual dos fenômenos deste mundo. Entretanto, no campo da arte, é necessário um discernimento agudo para não nos perdermos em exaltações místicas ou fanatismo. Portanto, a questão fundamental é: o que é exatamente a cultura? É o mundo do homem desta natureza, mundo que ele cria mediante seus sentimentos, sua experiência, sua vontade, suas ações, seu pensamento e seus conhecimentos. Ele o cria ao mesmo tempo como indivíduo e como ser social. Essa cultura e seus resultados são ilusórios, são *Maya*. *O véu de Ísis* testemunha que a verdade está oculta e a célebre alegoria da caverna, de Platão, descreve o mundo visível como um mundo de sombras, e não como uma realidade independente.

II TUDO ESTÁ IMERSO NO DIVINO, MAS NEM TUDO ESTÁ NECESSARIAMENTE LIGADO AO DIVINO

A consciência humana pode se desenvolver até alcançar, mediante o mundo físico sensorial e transitório, uma realidade divina superior. Isso não significa que a natureza terrestre não tenha função, que podemos explorá-la em vez de tratá-la com respeito. Essa visão equivale a reduzir a natureza terrestre a uma ilusão, como se reduzíssemos um quadro de Rembrandt a uma tela, fixadores e pigmentos, ou uma sinfonia de Mozart a ondas físicas sonoras. Essa opinião, em seu dogmatismo e sua parcialidade, alcançaria o ponto de vista oposto – ou seja: que a matéria, em seu aspecto cientificamente demonstrável, seria a única realidade.

As ciências naturais, em particular a Física quântica, a Biofísica e a Biologia da evolução, tentaram responder à questão fundamental da existência da matéria. Hoje, os cientistas dão-se conta de que as partículas elementares não explicam a causa e o aparecimento do que é visível e de que o Universo em seus mínimos detalhes é um todo orgânico. Na biologia da evolução, por exemplo, fala-se da célula viva capaz de se organizar, mas somos confrontados com o mistério da origem dos campos morfogenéticos. De onde vem a informação que dá à célula sua estrutura e sua função? Qual é a origem do impulso, da vibração, que determina uma manifestação? Esse questionamento significa o limite do pensamento materialista. Quem toma a matéria como ponto de partida não pode ultrapassar seu limite. Muitas vezes ele pode adiar a chegada ao limiar, porém, mais cedo ou mais tarde, será confrontado com esse limite. A Física fundamental moderna, quando se encontra na

fronteira, aproxima-se da ideia, há muito expressa no *Bhagavad Gita*, de que Deus está em toda parte e não somente no transcendental. “Eu sou em todas as coisas eu mesmo, tudo provém de mim (a matéria visível e a energia) como revelação de mim mesmo.” Para esclarecer ainda mais: o Ser é não-nascido, imperecível, senhor e mestre de todas as criaturas. Entretanto, eu carrego a natureza e me manifesto por meu próprio poder e força.

O *Bhagavad Gita* esclarece: a natureza, parte complexa do trabalho das criações viventes ou inanimadas, constitui uma unidade integral. É um organismo que engloba tudo, animado e estruturado por forças invisíveis, um todo vivente, impregnado interiormente do espírito divino que impele à manifestação os seres humanos e as coisas. Contudo, não nos esqueçamos de que nem tudo o que é manifestado testemunha da vida divina e de sua atividade. Tudo tem seu lugar no divino, mas nem tudo pode ser explicado como tal. Por isso, falamos, no transfigurismo, do conhecimento das duas ordens de natureza. Quanto às profundezas da alma, podemos atestar de uma natureza que sustenta, impregna e engloba tudo. Mas tudo o que não é estrutural e existencialmente ligado de modo consciente a essa natureza primordial se desenvolve na dualidade. Nela, os polos do bem e do mal se opõem e não estão em contato direto com o princípio primordial do Logos divino. A atividade que nasce dessa dualidade, distinta da fonte original, é uma criação na qual as forças de oposição estão inevitavelmente presentes. O resultado é a imperfeição, a limitação, a imitação.



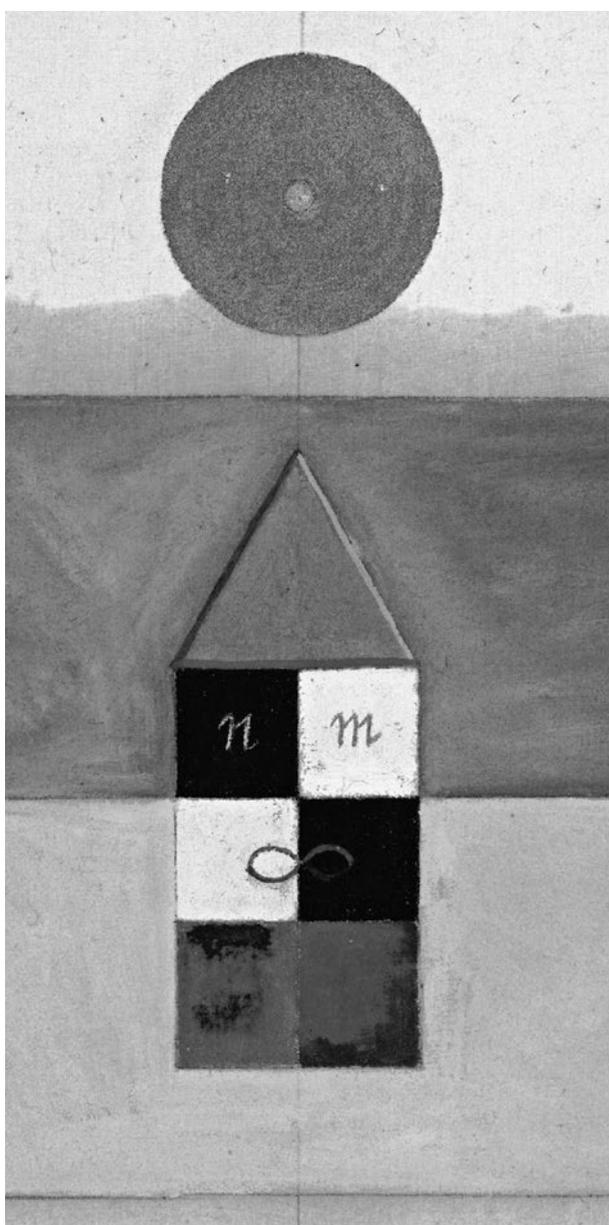
O SURGIMENTO DE UM ESTADO LIBERTADOR

Em numerosos templos de arte imita-se o ritmo divino, mas os ritmos produzidos não oferecem nenhum resultado permanente ou divino. Em outro registro de imitação, fundam-se escolas espirituais para abusar do conhecimento mágico. Terceiro exemplo de imitação: centenas de institutos religiosos entregam-se, em completo desacordo e sem esperanças, a experiências múltiplas. Compreender tudo isso permite conceber a atividade criadora real, apreender o sentido e a essência da arte verdadeira: a gestação de um estado realmente novo, a criação de uma realidade no sentido libertador de um aperfeiçoamento eterno. A ausência de conhecimento das duas ordens de natureza, ou sua interpretação errônea, engendra frequentemente o esquecimento de que a personalidade é o meio de criação da realidade libertadora, e, portanto, de sua vida. Entretanto, a personalidade, nesse processo de renovação gnóstica, é o único instrumento de que dispomos nesta natureza como meio de expressão e de formação. Liberta de todo egoísmo, ela pode elevar-se à justa compreensão e ao desejo verdadeiro, e realizar sua vocação. Pureza, submissão, atitude lúcida a serviço dos impulsos oriundos do princípio básico, o átomo-centelha do Espírito, restituem-lhe o valor e a posição. A partir de então, seus atos associam-se ao desenvolvimento divino, à sua elaboração, e harmonizam-se com ele. Uma compreensão dogmática do ensinamento das duas ordens de natureza, como pilar de sustentação da Doutrina Universal, relembra os inícios do cristianismo quando, no Oriente Médio, na Síria e na

Palestina, as pessoas tinham o costume de sentar-se sobre uma coluna à beira do caminho para serem consideradas “santas”. Esse tipo de asceta representa o homem inteiramente centrado no divino, que se desviou da vida profana natural. Os dois personagens principais da peça de Samuel Beckett *Esperando Godot* dizem: “– Vamos. – Não podemos. – Por quê? – Estamos esperando Godot.” Essas duas figuras simbolizam a humanidade: elas nos fazem a pergunta crucial de nosso tempo. Até agora, o homem esperava Godot, Deus – em outras palavras, ele esperava os impulsos do exterior, porque toda atividade provinha do Pai. Mas o evangelista João coloca o divino no homem quando cita Jesus (João 5:17): “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. O novo poder da alma, o *Outro em nós*, (uno com o divino), tomou o primeiro lugar no homem. Esse é o significado de Aquário. Somos todos fascinados pelo efeito mágico dos processos criativos. Estamos ligados não apenas a essas evoluções das quais participamos cotidianamente de uma forma ou outra, mas somos, ao mesmo tempo, partes interessadas e colaboramos ativamente com elas. Somos cocriadores do que se desenrola sem cessar e se realiza, e a todo momento estamos num processo criativo e forjamos a realidade. Somos todos seres criadores e realizadores. Por que enfatizamos aqui essa realidade? Porque, precisamente no atual período de Aquário, o aspecto realizador, criador, desempenha um papel absolutamente central. Todo ser humano que sente esse desejo interior de romper a matriz que o mantém prisioneiro é um artista.



III A OBRA DE ARTE COMO TRAÇO DE UNIÃO



Hilma af Klint N° 4, Série V (L) e N° 5, Série IV, (R) 1920

Quem quer fazer brilhar o esplendor do divino no mundo mediante a palavra, o som, a pintura ou as artes plásticas ultrapassa o aspecto puramente cultural e é um traço de união entre nosso mundo e o reino da luz. O ser humano que, como artista, vive sob o impulso de Cristo, sem o qual ele nada é, mediante seu amor aos homens e ao mundo ultrapassa em muito o limite da consciência materialista. Ele é um infatigável observador da vida. A obra de arte verdadeira desenvolve-se com base em seu novo pensar e correspondente atitude de vida, e harmoniza-se com as diversas tendências, métodos e recursos atuais.

A força criadora de tal artista é intuitiva. Novas energias gnósticas se derramam em sua criação, provindas da centelha-do-Espírito no coração, a rosa-do-coração, e ligadas à glândula pituitária, o órgão de real criação. As atividades da alma, ativamente iluminadas pelo espírito, inspiram sua criatividade. Desse modo, ele trabalha cheio de energia e de luz diante da visão de uma humanidade liberta. Nesse sentido, a arte não se limita a “desempoeirar a alma”, como dizia Picasso. A arte verdadeira busca conduzir o homem ao conhecimento gnóstico e à mudança. Assim vemos restabelecida a unidade da religião, da ciência e da arte, depois que o homem, durante séculos, como criador autônomo da realidade, foi colocado em segundo plano pelas influências exteriores, ligadas à negação do Espírito de Cristo. Porém, cada vez mais

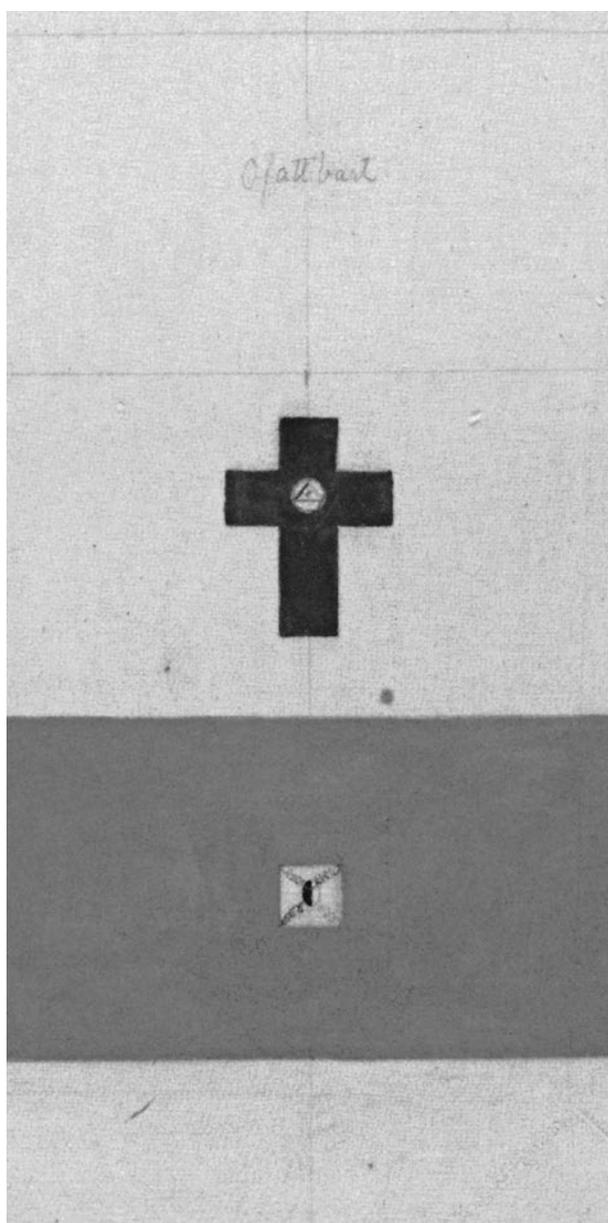
seres humanos se voltam, como os mártires do cristianismo primitivo, contra a influência das autoridades. Como entidades alma-espírito, eles se reservam o direito de, em total autonomia, dar sentido à sua própria vida. O homem leva a sério a promessa: “Sereis como Deus, distinguindo o bem do mal”.

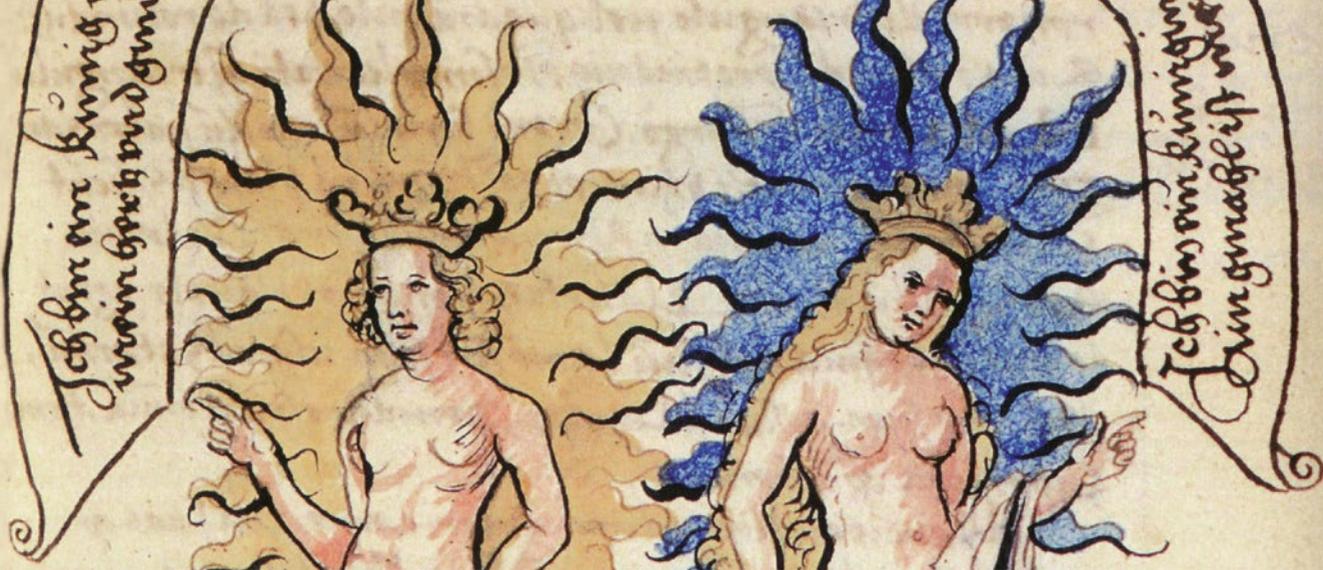
AUTORREVOLUÇÃO – CONSCIÊNCIA –

CRIAÇÃO A autorrevolução constante dos rosa-cruzes é a endura, a vitória sobre o eu. Eles se concentram na percepção do coração e nas exigências de nosso tempo para realizar uma nova qualidade de alma porque, como diz Albert Einstein: “Não se pode resolver os problemas no mesmo nível em que eles nasceram”. Em outras palavras, não é o revelado que importa, pois ele já trouxe sua força. O importante é o não revelado, o imprevisível que se manifesta somente no Espírito e por meio dele.

A solução do problema situa-se no *espaço* do não revelado. O artista – cada ser humano que aspira à autorrealização – a atrai mediante sua orientação e seu comportamento, e, mediante sua criatividade criadora purificada, tangível, coloca-a na luz da revelação e oferece-lhe uma possibilidade de desenvolvimento mediante o som, a forma, a vida e o movimento. Esse processo de criação depende inteiramente do estado de consciência.

Mediante a crucificação no Gólgota, o lugar do crânio, o homem foi colocado diante de três estados de consciência. A primeira cruz





simboliza o homem para quem o mundo material, até a morte ou mesmo no momento da morte, é a única realidade tangível na qual ele centraliza toda a sua consciência. Com seu pensamento materialista, seu sentimento e sua vontade, ele está pregado à cruz da natureza e aí permanece. Portanto, não pode entrar no reino dos céus. A segunda cruz simboliza o homem que finalmente compreendeu que é um filho de Deus. Esse entendimento o liberta dos limites de sua consciência material e permite que ele penetre no reino dos céus. A ele é dito: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”. A terceira cruz simboliza o homem que, graças à sua consciência alma-espírito, percebe o mundo material no qual vive. Para ele cabe dizer: “no mundo, mas não mais do mundo”. O Pai e ele são Um. Embora reconheça que a consciência limitada do mundo material não pode compreendê-lo, ele permanece fiel à sua percepção espiritual. Jesus diz aos judeus: “Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu pai o qual dizeis que é vosso Deus, e vós não o conheceis”. (João 8:54-55)

O estado de consciência determina a atividade criadora e, portanto, a essência da arte. As influências da era de Aquário, estreitamente ligadas a Urano, agem poderosamente sobre a consciência. Influências similares ocorreram na Renascença, há aproximadamente seiscentos anos, quando as formas de expressão e os dogmas, inclusive na arte, foram

quebrados. Um exemplo é o desenvolvimento de um novo sentido do espaço pela utilização e controle da perspectiva na pintura. Devido a essa percepção trazida pela arte, uma grande mudança ocorreu na consciência, o que, para muitos homens, provocou medo e rejeição (Cf. Jean Gebser, *Ursprung und Gegenwart*, Origem e presente, livro que fala sobre esse salto de consciência). No início do século 20, o conceito de espaço-tempo foi igualmente revisto e colocado num contexto totalmente novo. O espaço e o tempo foram relativizados tanto no nível da arte como no das ciências. Com a organização espacial das imagens, Picasso deu nascimento ao cubismo. E nesse mesmo período (início do século 20, 1905-1907), Einstein trabalhava na teoria da relatividade, por meio da qual demonstrou cientificamente a relatividade do tempo.

A NOVA DIMENSÃO E A FORÇA CRÍSTICA

Hoje, a separação entre espaço e tempo está desaparecendo para dar lugar a uma equação *espaço-tempo* (ou espaço-temporal). Os acontecimentos mundiais são veiculados primeiro via mídias eletrônicas (televisão e Internet) em todo lugar e simultaneamente para todos, seja o acidente da central nuclear de Fukushima, as revoluções e as guerras no Oriente Médio ou a crise da dívida na Comunidade Europeia. Pensar em três dimensões está ultrapassado. No contexto da relatividade do tempo e do espaço, surge uma nova luz. Estamos no limiar de uma



nova dimensão. O conhecimento e a força universais nos impulsionam para uma realização.

Quais são as características dessa nova dimensão? A compreensão. O saber interior de que a ciência (*o conhecimento universal*), a religião (*a força universal*) e a arte (*a concretização da realidade na vida*) formam uma unidade, ultrapassa o conceito tradicional de arte limitada no tempo, e cria um conceito absolutamente novo, livre de todas as teorias e predileções. J. van Rijckenborgh assim o exprime: “Todo homem é um artista”. Isso significa que cada homem, em sua própria realidade, possui um potencial criador e uma força para mudar esta realidade.

Sob a influência crescente das radiações de Aquário, desperta em muitos a consciência de que a principal força criadora é a energia crística e que, sem ela, nós nada podemos. Tudo que não tem sua fonte nessa energia está construído sobre a areia. A nova dimensão, já onipresente, abre-se a nós como a “perspectiva” na Renascença. Ela engendra uma nova consciência capaz de basear todos os futuros processos de concepção na energia crística, tanto no nível individual para o homem verdadeiro como no nível social, com vistas à formação de uma verdadeira comunidade humana: a nova Jerusalém.

IV RENOVAÇÃO DE TODA A HUMANIDADE

Como o homem pode deixar seu pensar, sentir e agir ser penetrado e dirigido, em função dessa ideia central? Mediante uma renovação fundamental do coração e da cabeça e de uma real vontade de purificar seus sentimentos, seus pensamentos e suas ações. Isso o leva rumo a uma realização inovadora em concordância com as palavras do Pai-nosso: “Pai, que tua vontade se cumpra”. Essa prece não é uma regra abstrata; o pensamento hermético baseia-se sempre no concreto. Isso significa que devemos, no presente vivo, observar nossos sentimentos, pensamentos e atividades, pois é apenas experimentando a situação real imediata que podemos chegar ao autoconhecimento. Baseados nesse conhecimento, podemos examinar se nossas atuais disposições correspondem às exigências do caminho de libertação. A purificação e a conversão de nosso ser – a transmutação e a transfiguração – tornam-se então possíveis. Quando o homem se transforma, suas atividades mudam e, nesse contexto, o objetivo da arte está focado no enorme potencial do ser criador. Nesse desenvolvimento global, nessa transformação alquímica, a hipófise e a medula espinhal, canais de circulação da energia vibrante do fogo serpentino, tomam, com relação ao homem como ser criador, uma importância primordial. As mudanças crescentes a que somos submetidos na atmosfera eletromagnética da nascente era de Aquário influenciam diretamente a glândula pituitária. Esses pequenos reguladores que modulam harmoniosamente a atividade das glândulas

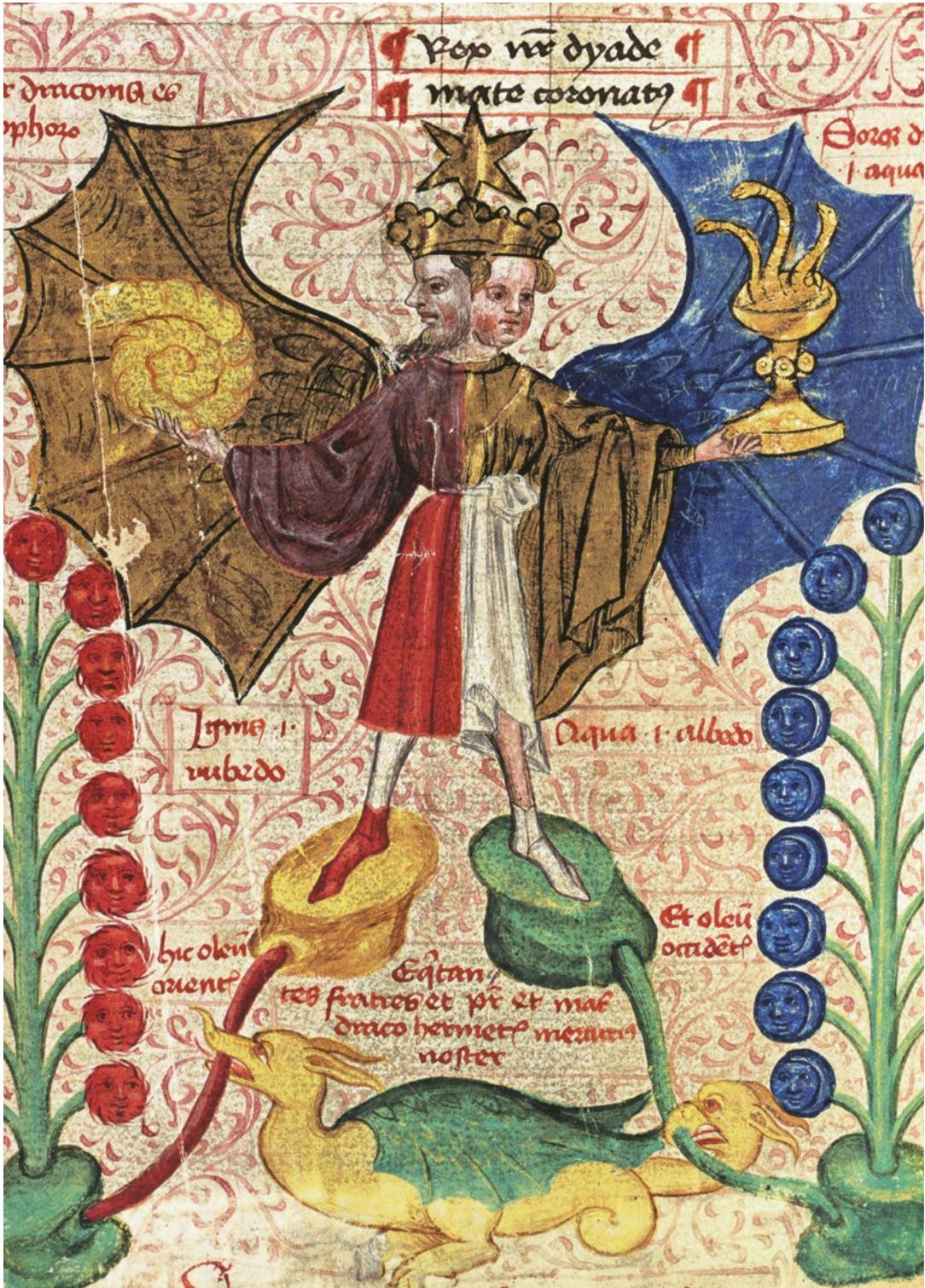
suprarrenais e da tireoide formam a ligação entre o sistema nervoso central e o sistema endócrino. Eles controlam o sistema reprodutor. Podemos facilmente imaginar que um aumento da atividade da hipófise estimula no homem um crescimento da atividade criadora. Além disso, há o fogo serpentino ao redor do qual gira literalmente toda a força criativa do ser humano. Na antiga sabedoria é dito: “Os filhos e as filhas da Serpente de Fogo são os verdadeiros artistas da graça de Deus. Eles possuem a arte da quietude e do autodomínio. Eles conhecem a arte da cura e conhecem a arte de recriar, de regenerar”. A renovação total da vida humana é feita por intermédio da glândula pituitária, ao redor e no fogo serpentino, ao qual estão diretamente conectados a consciência, o sistema nervoso e o sangue, principais atributos da alma.

AS CARACTERÍSTICAS DA VERDADEIRA CRIAÇÃO ARTÍSTICA O que precede demonstra que podemos ver a criação artística como um trabalho da consciência (purificação e resolução), um trabalho de ligação (unificador e vivificador), e como uma efusão de sangue (sacrifício e nutrição): como o pelicano que alimenta seus filhotes com o próprio sangue. Na criação artística da transmutação e no processo de criação transfigurística, importa libertar no homem a rosa-do-coração, o único núcleo criador e as faculdades criativas associadas a ele, a fim de revelar as obras divinas para que seja novamente criado o que está aí profundamente oculto. Importa manifestar o incognoscível e torná-lo conhecido onde possa e deva sê-lo, a fim de salvar e curar o mundo e a humanidade.

A ARTE UNIVERSAL A arte não se limita a uma dimensão individual ou coletiva. Ela age igualmente na atmosfera e não se reduz a uma obra isolada, uma pessoa, um grupo de pessoas ou um país. O método da verdadeira arte universal é trabalhar em colaboração com as luminosas forças atmosféricas, a fim de que o mundo e a humanidade, independentemente do lugar ou do tempo, sejam sensibilizados no nível dos supracitados três aspectos principais da alma: a consciência, o sistema nervoso e o sangue. Assim, a Rosa-Cruz moderna trabalha igualmente com a energia mágica de Cristo, concentrada na “oficina” ou foco, verdadeiro campo de revelação de todo devir. Os portadores de uma centelha-do-espírito formam o seu potencial. E a atmosfera constitui o principal campo de projeção. Qual é sua tarefa específica? Um ser humano verdadeiramente vivo é um homem novo, criador. O trabalho de criação significa, antes de tudo, materializar pensamentos criativos, isto é, tornar compreensível e reconhecível o invisível. Isso só é possível se nos abriremos plenamente ao que ainda estiver incriado, não revelado, e impelido à manifestação. Isso subentende que estejamos livres de toda representação do que algo seja ou deva ser, portanto, livres de todo pensamento dogmático, seja ele qual for. Libertemos, pois, nosso cérebro do que o puxa

A “Grande Obra”, na arte alquímica, resulta do equilíbrio dos opostos, indicado pela presença das árvores - vermelha do sol e azul da lua - ligadas entre si pela figura hermafrodita.

Buch der heiligen Dreifaltigkeit (Livro da Santa Trindade), ca. 1410-1419, atualmente em Berlim.



para baixo: a manifestação espaço-temporal. Imaginemos que a ideia de unidade de grupo abarcasse toda a humanidade. Isso evocaria uma “arte social” verdadeira, capaz de abarcar todos os buscadores e os que aspiram à autorrealização, dando-lhes verdadeira liberdade, indispensável para deixar amadurecer todas as competências e aptidões com o objetivo de realizar uma *Unio Mystica*, uma *Una Sancta*. Essa nova e autêntica forma social só pode vir das forças lineares deste mundo. Não podemos projetar nela nosso conceito de organizações societárias e nossas lutas individuais visando o êxito. A condição fundamental desse estado é a *Santa Ceia* porque, em cada situação, em cada instante da vida, o “pão” e o “vinho” são compartilhados com toda a humanidade, de modo que o amor divino e a caridade verdadeira se tornam visíveis simultaneamente. Um buscador verdadeiro que pudesse pensar dessa forma liberaria uma energia construtiva e criadora. Nela, ele projetaria seus pensamentos como ideias no éter refletor. Em seguida, ele revestiria de aspiração pura as forças de luz liberadas, cuja essência geraria uma nova vida, que ele introduziria por meio do éter vital. E essas três energias formadoras – o éter refletor, o éter luminoso e o éter vital – elaborariam um quarto aspecto da construção mediante o éter químico. Para que, nessa aspiração e nesse trabalho, possam ser postos em ação a gênese e todo o potencial, e para que a projeção atmosférica possa ocorrer totalmente, é preciso que, antes, sejam estabelecidos os alicerces do plano de criação em sua universalidade. Dito de outra forma: todos os aspectos pertinentes

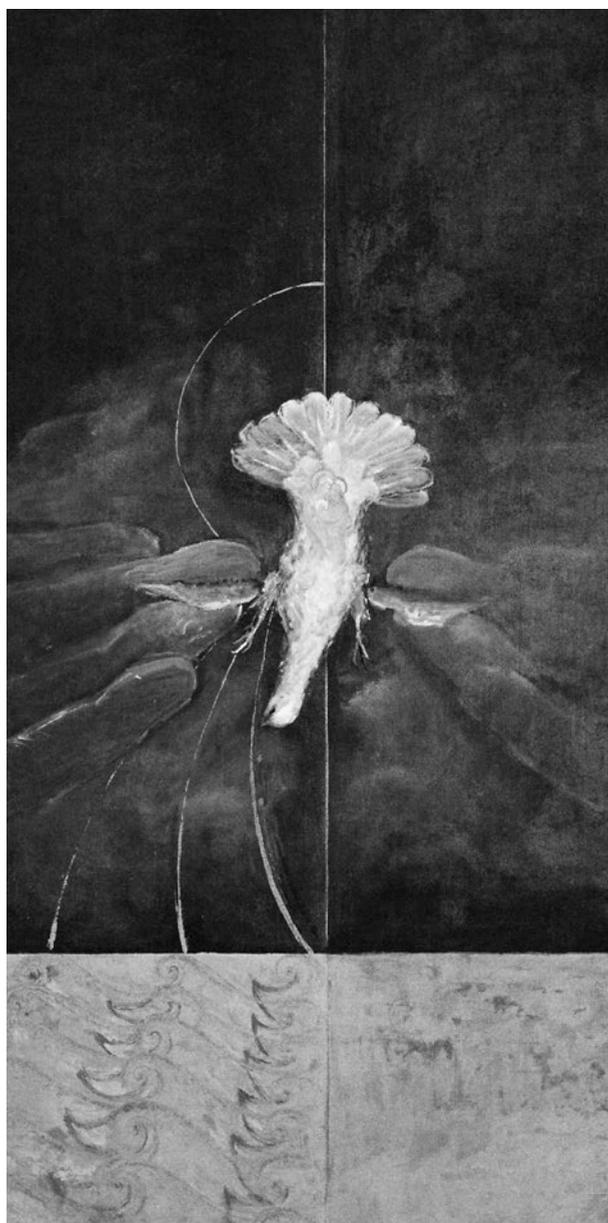
do plano divino para o mundo e a humanidade devem ser continuamente mantidos em mente. Dessa única maneira, a Doutrina Universal constitui a verdadeira “universidade da humanidade”.

A RESSURREIÇÃO COMO ARTE DA REALIZAÇÃO, DO COROAMENTO A meta derradeira é a ressurreição, a Grande Obra. Por quê? Porque a ressurreição e o coroamento são as únicas metas imutáveis e eternas em vigor. Desde o início e durante toda a duração do caminho de renovação, esse é o único ponto de orientação que mantém de pé o homem anelante por libertação total, como uma estrela fixa que brilha sobre tudo, em meio às turbulências, às tempestades e aos obstáculos. A ressurreição não é um sonho. Não é uma concha vazia. A ressurreição é a arte da realização do plano de Deus para o mundo e a humanidade, e ela tem seu ponto de partida no presente, neste instante.

Quais são as diferentes etapas desse trabalho de criação que visa a ressurreição? A preparação para a nova criação e para a ressurreição realiza-se mediante purificação e fenecimento: este é o efeito do autoconhecimento e da reversão fundamental. É a arte na sua revelação preparatória. A realização do plano divino de criação se faz mediante um processo de renovação sétupla: a Ceia. Aí está a base para seguir o caminho da rosa e da cruz: a autorrendição, a reversão fundamental e a realização criadora. E a ressurreição se manifesta quando a forma desapareceu completamente, quando a cruz é vencida. A ressurreição é a arte em seu estado de completa revelação.

V O HOMEM CRIADOR, UMA FORÇA MOTRIZ

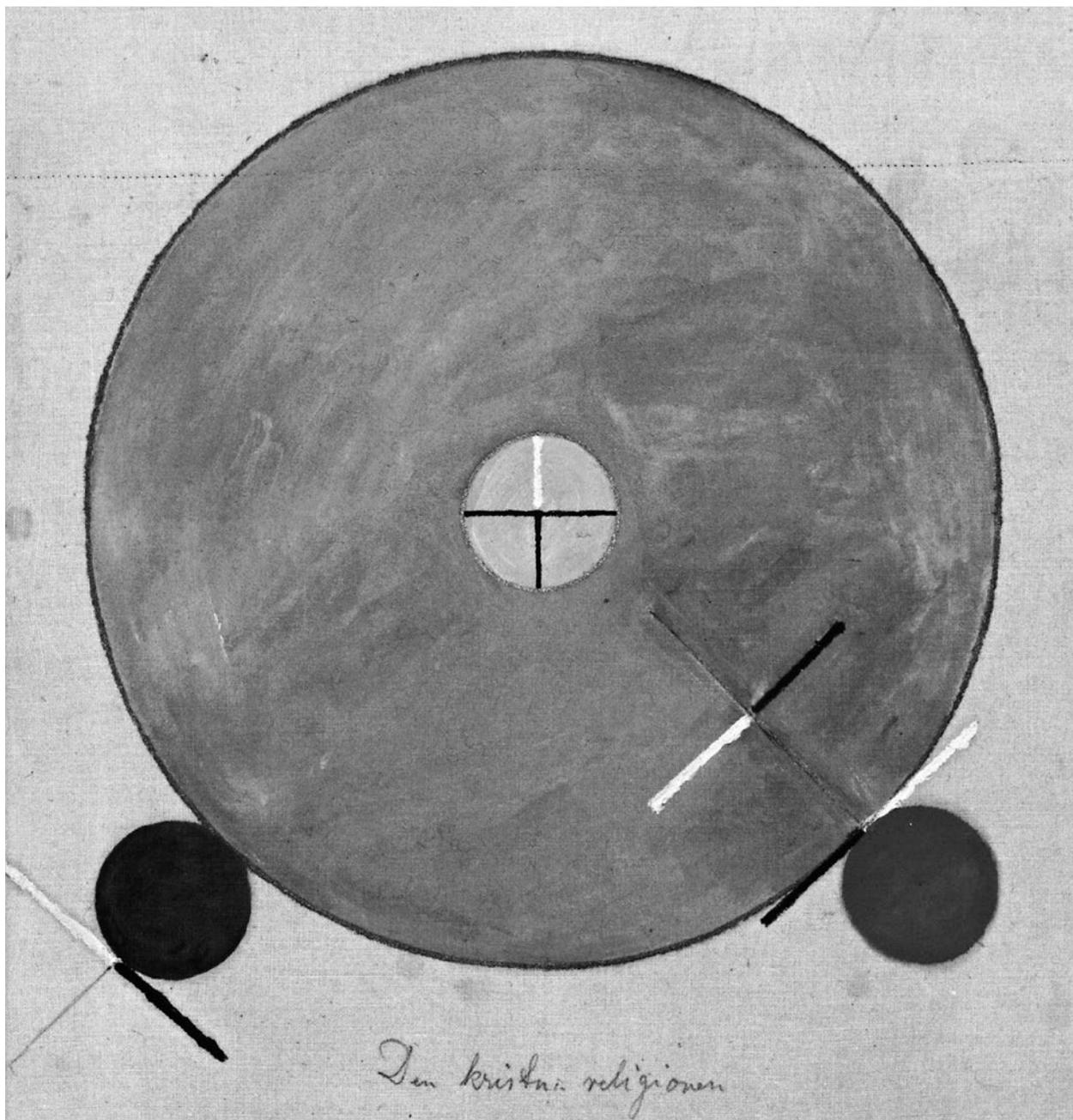
Se um buscador no sentido indicado é um artista ativo, pode acontecer o seguinte: a cada batimento do coração realiza-se algo nele e por meio dele. A cada batimento do coração, o Logos abre um caminho dentro dele. A cada batimento do coração, nasce nele a luz da Gnosis, a luz de Jesus Cristo. A cada batimento do coração, um espaço é criado para a luz, a luz é inflamada, e a flama do conhecimento e da renovação jorra para uma purificação, uma libertação e uma nova criação. Essa agitação constante, gerada pela luz a cada pulsação do coração, atua como o som das trombetas e os címbalos das sagradas escrituras. Trombeta e címbalos, isto é, vibração e ritmo divinos, produzem a cada instante o desmascaramento, a clareza, o desejo, a estrutura, o movimento, a vida. São as forças motrizes, criadoras, e elas utilizam todos os meios para alcançar seu objetivo: acelerar a criação, a perfeição. Essas vibrações divinas já não alcançam os seres humanos com base no passado, mas em função do futuro, porque o ser humano que podemos ser já pode se fazer conhecer. Nada nem ninguém pode deter o buscador que sente uma verdadeira aspiração, mesmo se, permanentemente, ele é tentado, com o objetivo de retardar, até de obstaculizar, muitos processos na cena do mundo. No entanto, não há outro poder a não ser o do Deus único, que poderia mudar a realização de seu plano. Há apenas um plano de criação para o mundo e a humanidade. Ele inclui a manifestação da obra divina, apesar dos obstáculos e das baixezas.



Hilma af Klint A pomba, N.º 5, Grupo IX, 1915

ARS MAGICA A criação inteira, como testemunha a Bíblia, aspira à salvação. Desde que o antigo caminho da evolução, dirigido pelos hierofantes da luz, foi fechado, o caminho deve ser percorrido pelos seres humanos com base na energia criadora neles presente, e realizado no amor de Cristo. É o que está inscrito no plano divino de criação. O alvo final da criação para o mundo e a humanidade é o milagre da ressurreição, a realização suprema, o coroamento de todas as obras divinas. É a arte divina em sua glória verdadeira e perfeita. É para isso que essa luz desce e morre em cada ser humano preparado; é a arte da endura, a arte da vitória sobre si mesmo. Quando a luz desce no ser humano num sepulcro preparado, a ressurreição está próxima. Então podemos falar de magia da renovação mediante a luz de Cristo: a luz do Salvador e Redentor. O que ultrapassa toda representação da revelação criadora torna-se doravante realidade: a mudança e a imortalização da personalidade temporal pela transfiguração. É a arte mágica da fabricação do ouro: a transformação total da consciência, a reedificação da árvore da vida, a obtenção do ouro pela dissolução e a fusão do fogo (a consciência), da água (o fluido nervoso) e do sangue: *Flamma, Natura, Mater*. É o plano da criação, o grande plano de Deus. É a essência mesma e a realização potencial de toda arte: *Ars Magica*. É a ideia fundamental de toda a criação, o Logos. É ao que aspira toda a criação, a revelação dos filhos de Deus: que

sejam recriados pela arte divina da vitória sobre si, pelo renascimento, pela ressurreição. Assim que esse impulso universal, criador e realizador ressoa no ser humano, uma compreensão dinâmica nasce nele. Depois, é iniciado um novo processo criativo que, graças à consciência, se encarna progressivamente em todo seu sistema. Idealidade e vitalidade culminam na realidade do devir humano verdadeiro. Desse modo, os seres humanos se tornam participantes ativos do processo divino de criação. A criatividade libertadora trabalha neles e por meio deles. Seu sistema é transformado, recriado segundo sua ideia e sua vitalidade. Resulta disso que a realidade de Deus é feita carne em e mediante o ser humano. Não se deveria interpretar o que é dito como uma vaga emoção mística, estimulada por uma intuição obscura. Uma compreensão profunda e uma tomada de consciência objetiva permitem seguir esse impulso realizador e implicam em rendição consentida e inteligente. A luz gnóstica divina é então percebida interiormente como um som de trombeta que tudo renova e recria. Com base nessa rendição, o ser humano pode, espontaneamente e simplesmente, chegar a uma nova atitude diante da vida. Essa atitude consiste em trabalhar e em deixar trabalhar em si mesmo o que é verdadeiramente inovador: a força vital luminosa recriadora. Então o ser humano poderá dizer conscientemente: “O Senhor verdadeiramente ressuscitou em meu microcosmo. O trabalho está cumprido”. ✪

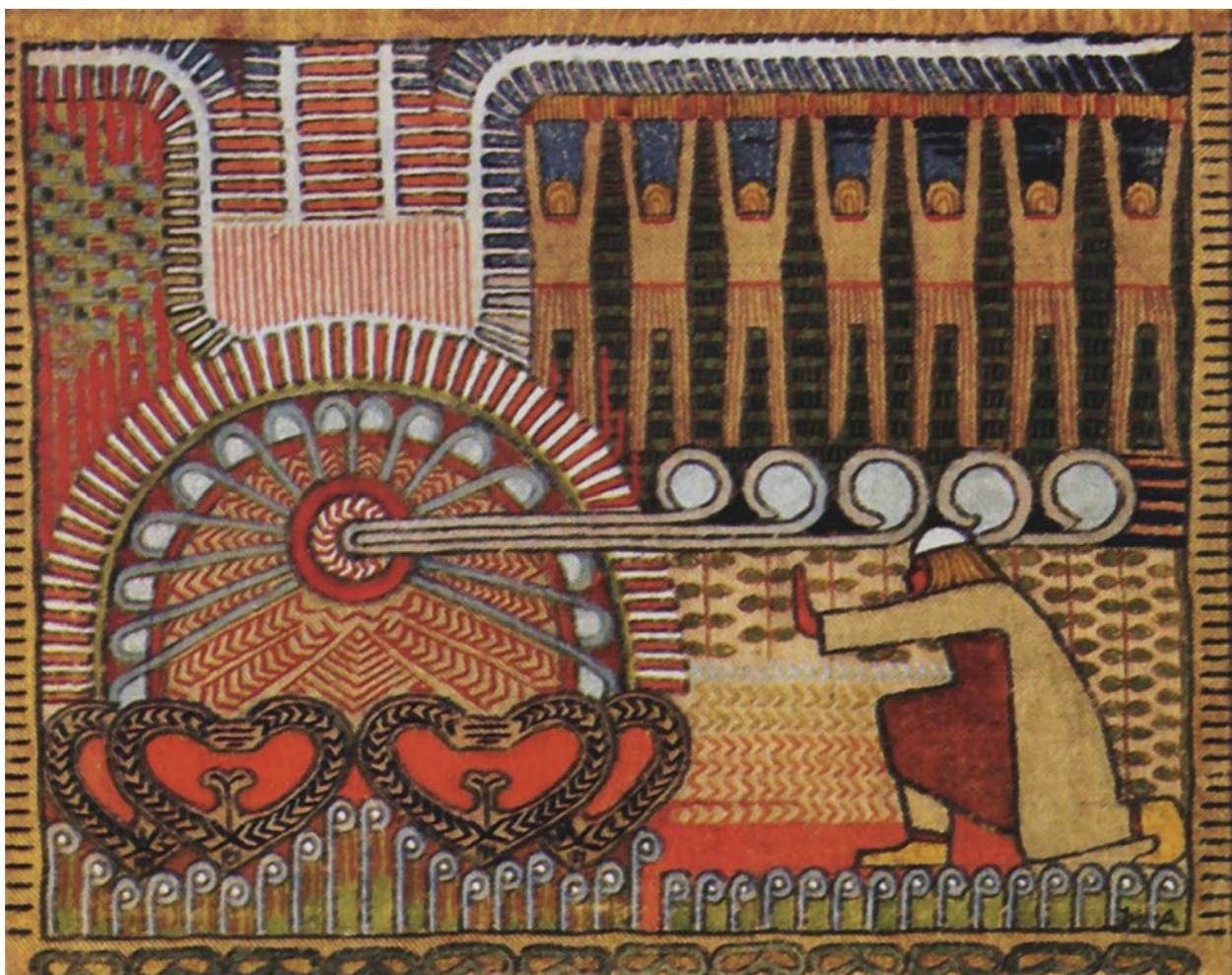


Neste quadro, a artista coloca o círculo com a cruz da redenção da religião cristã no centro de sua experiência microcósmica, o islã à esquerda e o budismo à direita.

A religião cristã, nº 3d, Série II, 1920

um impulso da fraternidade na finlândia

A SABEDORIA ROSA-CRUZ DE PEKKA ERVAST



Ilmarinen, o herói da Kalevala, forja o sampo (um moinho mágico que gera prosperidade). A obra representa o canto X da epopeia nacional finlandesa. Tapeçaria de J. Alanen (1898)

Ele também é chamado “a figura de proa da Gnosis do Ártico”. Parece um tanto frio e glacial... No entanto, quem se abre para a obra do Professor de Sabedoria Pekka Ervast (1875-1934), tem uma experiência calorosa para o coração. Ervast escreve tudo em finlandês e, por esse motivo, por muito tempo só era conhecido em seu país natal. Rudolf Steiner foi o primeiro não finlandês a reconhecer sua capacidade e visitou-o em 1912 em Helsinki. Só nos últimos anos a herança espiritual vem saindo paulatinamente do isolamento graças às traduções. Com isso, também fora da Finlândia, amplia-se a consciência de que Ervast pertence à “corrente dos portadores da luz através dos tempos” na qual todo buscador da verdade pode inspirar-se.



A í está um condensado da visão profundamente espiritual da dualidade do ser humano concebida pelo filósofo, poeta e autor Pekka Ervast. Pessoa muito culta, ele deu, nas primeiras décadas do século 20, uma grande contribuição para a atmosfera espiritual de seu país. Por meio de traduções para o alemão e o inglês, só nas últimas décadas é que ficou evidente também fora da Escandinávia o quanto a mensagem de luz de Ervast era penetrante e clara. Seus conhecimentos estão contidos em mais de 1300 palestras públicas, em cerca de 100 livros e em traduções para o finlandês de livros como o *Tao Te King* e o *Dhamapada*, a sabedoria aforística de Buda.

HUMANIDADE DESTERRADA Ervast falava de modo claro e inteligente sobre as insistentes questões no campo da Filosofia, da Teosofia e das diversas religiões. Sua mensagem chegava aos buscadores da verdade de todas as camadas da população. Suas obras disseminaram-se por centenas de milhares de lares finlandeses. Pela envergadura da obra de sua vida, ele tornou-se – e ainda é – o incontestável mestre da sabedoria da nação finlandesa. Ervast parece, desde o início, dispor da capacidade de despertar a curiosidade dos que estão interessados na busca da verdade para o desvelo espiritual.

“Nós, homens, estamos todos na mesma desgraça e deveríamos ajudar-nos

mutuamente. E, ao compreendermos isso, sangra o nosso coração. Ele clama: Não estão vendo? Podemos viver como irmãos e irmãs, mas não conseguimos essa harmonia. Somos tão estúpidos, sem inteligência – sim – tão cegos!” Na opinião do visionário finlandês também existe compaixão, felizmente. A primeira verdade que um buscador sincero encontra é que a humanidade está desterrada e separada de sua origem divina. Na literatura da sabedoria universal isso aparece frequentemente com a imagem do homem como “Filho da Viúva”.

Para o homem, o caminho de volta à origem geralmente implica em muitas experiências dolorosas e no conhecimento que daí resulta. Para isso não basta o saber clássico provindo de imagens e livros, pois esse saber é incompleto e, para seu aperfeiçoamento, precisa apoiar-se na fantasia. Indispensável é o saber que passa pela experiência concreta e que, por meio de nossos sentidos, entra diretamente em nossa alma como conhecimento vivente. Tal saber podemos realmente ver, ouvir, perceber, cheirar e provar-lhe o sabor.

JESUS E O CRISTO Pekka Elias Ervast nasceu em 26 de dezembro de 1875 em Helsinki. Sua formação religiosa começou na Igreja Evangélica Luterana. Conforme suas próprias palavras, aos 18 anos, teve uma visão de Jesus, o Cristo, o que pode explicar a



Uma reunião de amigos na Rosa-Cruz na Finlândia. Pekka Ervast é o segundo da direita

forma como ele sempre esclarecia a relação entre Jesus e Cristo: “Jesus de Nazaré foi um homem no qual Cristo, o Filho de Deus, desenvolveu-se perfeitamente de tal maneira que aquele que via Jesus Cristo também via o Pai. E, como Jesus estava integralmente preenchido por Cristo, suas obras, palavras, pensamentos e sentimentos eram essencialmente as obras, palavras, pensamentos e sentimentos de um Filho de Deus”.

Ervast estudou filologia românica e, mais tarde, também História da Religião Hindu, sânscrito e Filosofia. Quando, em 1896, aos 21 anos, vivenciou seu renascimento espiritual, ele deixou a Universidade porque ali não se pesquisava “nada de realmente sério no sentido da vida”. Essa experiência o leva

Autoesvaziamento e autonegação

Toda sabedoria dialética, tanto a intelectual como a esotérica, é loucura para o homem divino. E é conscientemente que a Rosa-Cruz moderna combate os aspectos esotéricos do homem terrestre e seus resultados. É falso dizer que o “eu”, atualmente ligado ao ser humano inferior, encontrará, em dado momento, seu ser real e nele se fundirá. Não, o verdadeiro “eu”, a verdadeira centelha divina, encontra-se no ser real, e é essa verdadeira centelha divina do ser celeste que deve ser libertada do

a uma guinada radical, exatamente como encontramos na vida de inúmeros outros portadores da luz como, por exemplo, de Gottfried Arnold e Peter Deunov. Na área das artes essa era a época do Simbolismo, a resposta ao Realismo. O artista estava mais interessado na realidade invisível do que na representação fiel da realidade. Nos anos que se seguiram surgiu o assim chamado karelianismo, corrente artística na qual os artistas, inspirados pela epopeia nacional *Kalevala*, viajavam para o oeste da Finlândia e para a Karelia – hoje, em sua maior parte, pertence à Rússia – à procura de material para a autêntica arte finlandesa. O karelianismo representava, na Finlândia, a forma mais intensa do romantismo nacional e alcançou seu ápice nos quadros do pintor Gallen-Kallela e na música de Sibelius. Não é de admirar, portanto, que Ervast, mais tarde, com sua interpretação profundamente esotérica da *Kalevala* venha a se reportar a essa tradição. Primeiro ele se aprofundara nas obras de Platão, Eckhart, Seuse, Tauler, Paracelso e Bruno. Ao longo de toda a sua vida, essas obras seriam ponto de referência para seus conhecimentos gnósticos. Em 1907, ele participou da fundação da seção finlandesa da Sociedade Teosófica, tornando-se *ylisihteeri* (uma espécie de secretário chefe). Nessa condição, ele conheceu Rudolf Steiner que, em 1912, participa da reunião anual da Sociedade Teosófica Finlandesa em Helsinki.

“eu” do homem terrestre. Portanto, o que ocorre é que invertemos as coisas: o homem terrestre que quer ser libertado deve ser aniquilado! O outro, o homem celeste, deve crescer; o homem terrestre deve diminuir! Isso se realiza pelo autoesvaziamento, pela autorrenúncia, pela autonegação, pela autodestruição, pela anulação total do ser humano dialético com auxílio da Hierarquia de Cristo que nos dá a força para isso. Realiza-se atacando cientificamente, com o propósito de destruir todos os nossos pontos de apoio, idiosincrasias alimentadas e

crenças consagradas; em outras palavras, todas as nossas ilusões. Realiza-se reconhecendo a incapacidade de todos os supostos poderes superiores do homem terrestre e do potencial de magia a eles relacionado, os quais podem ser sempre explicados pelo seu passado natural. Realiza-se tal como um penitente, como um monge mendicante, como um precursor, quando libera as veredas ao verdadeiro homem divino repetindo, como João, o Batista: “Ele deve crescer; eu devo diminuir”. (*Dei Gloria Intacta*, J. van Rijckenborgh, Haarlem 1957.

ROSA-CRUZ Por motivo de opiniões divergentes quanto à Primeira Guerra Mundial, a direção internacional da Sociedade Teosófica foi dissolvida, e Ervast fundou uma organização esotérica à parte. Essa separação levou-o, por fim, a deixar a Teosofia. Em 1920, ele tomou a iniciativa de fundar uma nova sociedade com o nome de *Ruusu Risti* – traduzido literalmente: Rosa-Cruz.

“O nome Rosa-Cruz indica a linguagem religiosa da nova sociedade. A Rosa-Cruz estuda todas as religiões e mitologias. Em suas investigações, ela toca os mistérios de Jesus Cristo e anela por viver em seu espírito. Ela também traz à vida o espírito essencial da fé cristã e ajuda as igrejas ocidentais a compreender o significado simbólico, místico e velado de sua doutrina. Como uma corrente espiritual viva, a Rosa-Cruz purifica e renova a vida interior e exterior do crente.” Assim consta na declaração de princípios da *Ruusu Risti*. No ano de 1978, 44 anos após sua morte, ainda foi realizado um ideal que Ervast tinha desde o primeiro período da Sociedade *Ruusu Risti*. Iniciou-se a construção de comunidades residenciais nas quais os buscadores da verdade sérios poderiam permanecer em condições serenas, com disposição para servir no trabalho para o seu desenvolvimento espiritual.

Ao todo, foram constituídas três comunidades de quarenta membros. Observamos mais um avanço em seu trabalho, em duas

associações: a *Cristosofia* e a *Ruusu Risti*. Este último grupo, com 900 a 1000 alunos, mantém um intercâmbio com os alunos finlandeses atuais do *Lectorium Rosicrucianum*. A *Ruusu Risti* aproxima-se do caminho espiritual – e isso pode ser comprovado pelo fato de que ela se apresenta com um capítulo do livro *Dei Gloria Intacta*, de J. van Rijckenborgh: “A visão esotérica do novo homem”.

CAMINHO DE INICIAÇÃO A obra prima de Ervast talvez seja *A chave para Kalevala*, sua interpretação da epopeia nacional finlandesa que fora publicada em 1849. O texto é uma coletânea de canções que, ao longo dos séculos, já eram cantadas pelas pessoas, pobres em sua maioria, durante seu trabalho diário. O médico finlandês Elias Lönnrot (1802-1884), pessoa de muitos talentos, compilou, durante seis viagens de verão por todas as regiões do país, milhares dessas canções nas casas das pessoas, onde as ouvia cantar frequentemente. Dessa quantidade de textos originais finlandeses, Lönnrot fez uma seleção refinada. Além disso, ordenou-as com grande competência, de modo que dali resultou uma história mais ou menos conexa. Como ponto central da epopeia estão os versos turbulentos em torno de um objeto especial, o *sampo*, que foi forjado por insistência do visionário, pensador, bardo e xamã *Väinämöinen*. No poema, o *sampo* é descrito com uma



Palavras da sabedoria jamais se perdem

A *Kalevala* consiste em 50 runas, diga-se capítulos. Elias Lönnrot organizou-os com base em canções existentes há muito tempo e restituiu-as a seu povo na forma de um poema épico de 50 partes. Essa obra foi traduzida para todos os idiomas europeus bem como para o chinês, japonês e o fulfulde, um idioma africano falado na Costa do Marfim, em Gana, Camarões e Benin. Não obstante seu caráter finlandês, a *Kalevala* não se revelou assim tão facilmente aos finlandeses. No princípio, eram

espécie de moinho que mói farinha, sal e dinheiro, trazendo assim prosperidade. Esse é o motivo pelo qual todos gostariam de possuir o *sampo*.

A epopeia, que foi traduzida universalmente em mais de sessenta idiomas, foi interpretada, sobretudo, do ponto de vista histórico. Via-se aí o reflexo de uma suposta época de ouro que podia servir bem ao processo de construção da identidade finlandesa. Mais tarde prevaleceu o significado mitológico. Atualmente as pessoas em geral estão convencidas de que a *Kalevala* é um produto cultural do século 19. Ervast distanciou-se drasticamente dessa opinião e,

em 1916, publicou uma interpretação sensacional, revolucionária: a *Kalevala* representa uma conexão com o início do cristianismo interior finlandês e simboliza um caminho de iniciação!

UMA IDENTIDADE: O CRISTO Apesar de seu engajamento na epopeia nacional, Ervast é contra qualquer nacionalismo. A seu ver, para aquele que verdadeiramente busca e professa Deus – independente de sua nacionalidade, só existe uma identidade, que é a do Cristo. “Em Cristo estão unidas todas as almas humanas. Juntas elas formam um grande e misterioso corpo, no qual se

A *Kalevala* desvelada

Não podemos chamar os três protagonistas da epopeia de “deuses” nem de “heróis”. Antes, podemos chamá-los de “criaturas” ou “entidades”. São eles: *Väinämöinen* [pronuncia-se *Véinemoenen*], o velho bardo; *Ilmarinen*, o ferreiro; e *Lemninkainen*, o rapaz despreocupado, a força do futuro. Eles se expressam em uma linguagem diferente, literalmente supra-humana, com significado supra-humano, e às vezes desempenham quase o papel de monstros, em uma história enigmática. *Ilmarinen* forja o *Sampo* para uma região estranha, onde moram os assim chamados “irmãos mais velhos da humanidade” ou homens mais velhos que os finlandeses. Ele faz isso por insistência de *Väinämöinen*. O enredo da história ocorre num lugar bem distante dessa região, onde tudo acontece e enquanto o tempo vai passando. Porém, em determinado momento, *Väinämöinen* e *Ilmarinen* se veem na necessidade de buscar o *Sampo* de volta dos “estranhos”. No caminho de retorno, cheio de perigos e ameaças, o *Sampo* infelizmente se quebra:

*“Väinämöinen, velho e desperto,
vê o impacto das ondas na rebentação:
vê quando flutuam rumo à costa e os rios,
arrastando para a terra
fragmentos do sampo,
estilhaços do tampo colorido.
Sente uma grande alegria
e pronuncia as palavras que ressoam:
‘Daí vem a força germinativa da semente,
e começa a constante fatura.
Daí vem o trabalho, a semente,
O multiforme crescimento.
Daí vem o brilho do luar,
A luz alegre do sol,
Sobre os vastos campos de Suomi,
Sobre a amada pátria de Suomi.”*

poucos os que estavam em condição de ler a epopeia, porque a camada social mais alta do país falava o sueco. Demorou um tempo até que o poema épico obtivesse um lugar na consciência da coletividade finlandesa. Hoje, a *Kalevala* imprime seu cunho em muitas áreas da vida na Finlândia. O kalevalismo tem um lugar seguro na cultura como, por exemplo, em nomes próprios. Os finlandeses de hoje, com nomes derivados da *Kalevala*, como Marjatta, Ilmari ou Kalervo, moram em Tapiola (a região do deus das florestas) ou na rua *Kalevala*. Podem ler

jornais que se chamam *O Sampo*, *Kaleva* ou *Kalevavolk* (povo da *Kalevala*). Também podem participar dos Jogos *Kaleva*, que é o Campeonato Anual de Atletismo. Porém foi Pekka Ervast quem primeiro reconheceu a epopeia nacional como um “Livro Sagrado”. Como moto para sua análise esotérica, ele empregou uma citação da décima sétima runa: “O conhecimento nunca pode ficar oculto nem ser guardado numa cova subterrânea secreta. Palavras da Sabedoria jamais se perdem e são eternas, enquanto que as pessoas sábias morrem”.

revestiu o Logos da humanidade: o Cristo. Ele representa o Corpo de Cristo”.

“Para as pessoas de seu tempo, foi uma pena Ervast ter vivido e trabalhado num idioma tão restrito e num país pequeno, na época isolado, pois possuía vasto conhecimento de todas as grandes religiões, assim como de culturas muito diferentes. Como um *homo universale* viveu em verdade e amor, permanentemente orientado para o divino”, escrevia seu biógrafo John Major Jenkins. Somente agora – e de forma um tanto hesitante – o benéfico efeito luminoso dos textos de Pekka Ervast começa a ser reconhecido mundialmente. ✪

Agradecimentos ao Dr. Adriaan van der Hoeven (Universidade de Groningen) pela revisão crítica e comentários à primeira versão desse artigo e pelo apoio às primeiras publicações.

Fonte:

Ervast, P. *The Key to the Kalevala (A Chave para a Kalevala)*, Nevada, 1999

Kleiner Rosekreuz-Katechismus (Pequeno Catecismo Rosacruz), Vilppula z. j.

***Gott und das Glück (Deus e o Destino)*, Vilppula, z. j.**

Ervast, P. *The divine Seed, the esoteric Teachings of Jesus (A Semeadura divina, ensinamentos esotéricos de Jesus)*, com prefácio de Richard Smoley, Wheaton, Illinois, 2010

van der Hoeven, A. *The dutch Translation of the finnish Epic Kalevala. Proceedings of the Symposium at the University of Groningen* (Tradução holandesa do épico finlandês Kalevala, Anais do Simpósio na Universidade de Groningen, 22 a 24 de novembro de 2001)

Le Nobel, M. *Kalevala, het epos der Finnen* (Kalevala, o épico dos finlandeses), Zeist, 1985

Steiner, R. *Das Wesen Nationalen Epen mit speziellen Hinweis auf Kalevala* (A Essência dos épicos nacionais com referência especial a Kalevala), Helsinki, 1912

Asplund, A. e Lipponen, U. *Aldusontstond de Kalevala* (Assim surgiu o kalevala), Helsinki, 1985

Internet: www.pekkaervast.net/teokset.enhttp://www.teosofia.net/ruusuristil/ruusur.htm

geleia de frutas

A história que vou contar aconteceu quando eu estava espalhando geleia de frutas no pão, para meu filhinho de dois anos. Ele adora! Quando tirei a faca do pote, senti na hora o cheiro adocicado da geleia. Pensei em seu sabor tão doce que, se por acaso o pão estivesse mofado, não daria para notar.

E de repente, com a faca cheia de geleia, percebi como se o mundo inteiro se abrisse diante de mim. Havia uma pergunta que me inquietava há muito tempo, não me abandonava e que me perseguia noite e dia. E finalmente eu recebi a resposta. Como é possível receber assim, de repente, a resposta?

E não era qualquer resposta! Uma nova compreensão foi penetrando meu ser: uma compreensão muito clara, que até ontem eu não possuía. Sem dúvida, era o “efeito” da geleia no pão.

O aumento da violência, as agressões repentinas entre pessoas incomodadas pela aparência das outras, brigas, atentados a bomba, desavenças, tiroteios, catástrofes espantosas, todo tipo de artimanha... Tudo isso vinha me incomodando há meses e eu me esforçava para tentar compreender, retendo os fatos em minha mente e tentando resolvê-los. Será que sou a única pessoa que está percebendo tudo isso?

Não tinha ouvido ninguém falar sobre a dimensão de todas essas mudanças, e me sentia sufocada.

Tinha a impressão de que, para a geração que veio antes, a situação geral também tinha sido

muito séria, porém imaginava ter sido infinitamente mais suave, e que aconteceria o mesmo com a geração futura em relação à atual. Seria preciso buscar a causa nos anos sessenta, com suas respectivas revoluções de todos os gêneros? Mesmo nessa época, eu já fazia comparação com o período anterior. E quando olhava para o futuro, com certeza pensava: onde vai dar tudo isso? O que acontecerá com o gênero humano? Parecia que todos os perigos estavam se agravando. Eu não dormia mais. Tinha uma sensação de enorme solidão.

Para os outros, tudo não passava de problemas ou fatos locais.

Eu sabia que alguma coisa muito grande estava para acontecer, e que o mundo inteiro estava ciente. O que eu não sabia era dar nome a esse acontecimento.

Estranhamente, no entanto, minha preocupação vinha acompanhada de uma sensação de expectativa. Uma parte de mim se alegrava, mas era tão contraditório que eu me sentia morta.

Eu me via como testemunha do desabamento da civilização. Seria possível? Parecia que o edifício inteiro estava tremendo sobre os alicerces. Todas as certezas, às quais eu me entregava para encontrar uma explicação, acabavam em um impasse. Mas eu tinha alimentado muita esperança em relação à civilização. E olha que tudo o que eu tinha em grande estima se revelou naquele instante na geleia de frutas num pão mofado!

Assim que o pão é assado, ao sair do forno, ele pode ser considerado excelente e, com certeza, delicioso. Mas ele sempre acaba mofando. Penso que acontece o mesmo com todo e qualquer esforço louvável que é feito no mundo. Com o tempo, tudo muda. Ao nosso redor, tudo, absolutamente tudo vai se transformando e acaba se dissolvendo. Sei perfeitamente que é próprio da natureza. O que aconteceu agora, que de repente me fez ver isso tão claramente? De novo, sinto

Sou testemunha do desabamento da civilização ou de uma construção completamente nova?

alternadamente pavor e expectativa – mas minha moral não está dividida. Estou contente com essa tomada de consciência. Mas como viver essa ambivalência? Sofro só de tentar me compreender. Enquanto isso, tiro a faca do pote de geleia para espalhá-la mais uma vez no pão. Desta vez, minha atenção está em outro lugar. Eu me tornei um grande ponto de interrogação, apesar da enorme compreensão que ganhei uns instantes atrás. Endireito meu filhinho em sua cadeira. Totalmente feliz, ele fala de boca cheia. E isso me faz lembrar da Torre de Babel. Nossa civilização de hoje representa muito bem essa imagem. Tantas culturas antigas desapareceram quando chegaram ao topo! Todas mofaram. Porém, uma certeza nova dentro de mim me faz pensar

que existe alguma coisa justa e autêntica no ato de construir. No fundo do meu coração, eu sei que construir é uma necessidade – e, se essa inclinação faz parte do homem, não deve ser à toa.

Mas então, onde está o erro? Na fundação ou mais embaixo ainda? O plano de construção estaria errado? Se o caso for esse, não vai dar em nada, mesmo que os construtores sejam solícitos e tenham boa fé.

Dentro de mim, vou tomando consciência do

fato de que uma nova possibilidade está começando a se desenvolver, e que ela não vai prolongar minha existência em um plano superior. Tenho simplesmente comigo a percepção da beleza de alguma coisa que não consigo sequer imaginar. No entanto, nada mais será como antes: nem no mundo saturado de ruínas onde uma civilização igualmente obscureceu, nem dentro de mim, onde uma civilização inteira naufragou.

Restam, dentro de mim, a esperança e a confiança, como brasas ardentes que me oferecem uma luz a respeito de meu estado de ser. Nessa luz quero construir e fazer minha morada. ✪

marco aurélio, o imperador filósofo de roma

“Na vida de um homem, o tempo não é mais do que um instante; a existência, uma corrente contínua; a razão, uma fraca chama; o corpo, uma presa para os vermes; a alma, um turbilhão agitado; o destino, obscuridade e a reputação, incerteza.”

“Cada um se satisfaz com coisas diferentes. Fico feliz quando minha bússola interior funciona corretamente e não se desvia das pessoas e suas vicissitudes, mas, ao contrário, me permite observar com benevolência, tudo aceitar e apreciar seu verdadeiro valor”.

“Não esqueças: há uma força secreta, profundamente oculta em nós, que guia nossas maquinações. É daí que provém essa voz persuasiva que traduz a essência da vida: é aí que se poderia dizer que o homem é ele mesmo”.

As três citações do imperador filósofo do segundo século são poderosas e sábias. Mas antes que um homem consiga orientar sua “bússola interior” de modo a se consagrar à “essência da vida” – isto é, ao seu próprio ser interior – é indispensável que ele tenha reconhecido a relatividade e o caráter transitório de tudo o que é terrestre, inclusive ele mesmo. As cartas de Marco Aurélio mencionam exemplos da vida comum e podem nos levar a uma nova reflexão. Nessas cartas, ele reflete sobre a relatividade, a brevidade, a fugacidade de tudo o que é terrestre, sobre a necessidade da natureza imutável, assim como sobre a elevação do homem. Esses são alguns dos temas que ocuparam o pensamento do imperador filósofo estoico ao longo de sua vida movimentada.

Marco Aurélio viveu de 121 a 180 d. C., e em 161 tornou-se imperador do imenso Império Romano, que se estendia por todas as direções e podia ser considerado, segundo

os critérios da época, um império mundial. A vida social e cultural havia alcançado um nível muito elevado; a nobreza vivia em grandes vilas suntuosas, e em todo o império, em Roma principalmente, foram construídos edifícios colossais, muito engenhosamente dispostos, que exibiam uma decoração interior altamente estética. Por toda parte os romanos abriram estradas e ergueram obras engenhosas, como aquedutos, que muitas vezes se ligavam a enormes monjolos com rodas d’água para moer grãos. Na Síria, esses antigos moinhos funcionam até hoje. A maioria desses complexos foi realizada na vigência dos imperadores precedentes, Adriano e Trajano. Os vestígios dessas construções, dignas de admiração, merecem ser visitados ainda hoje.

Marco Aurélio podia apenas parcialmente usufruir de todo esse esplendor, pois, ainda que contra sua vontade, via-se continuamente envolvido nas guerras contra os germânicos que ameaçavam transpor as fronteiras ao norte do Danúbio. Foram principalmente os marcomanos e os quados que quiseram invadir a Itália a partir da região onde hoje se encontram as atuais República Tcheca e Eslováquia, causando grandes transtornos ao imperador. Eles fizeram o imperador passar

Marco Aurélio faz sua entrada triunfal em Roma, encimado pela deusa da Vitória. Baixo-relevo do Arco do Imperador, segundo século d.C.



Por mais que percas a paciência, as pessoas continuarão a fazer o que fazem

por grandes dificuldades. Já este, excelente estrategista, teria preferido uma existência pacífica. Além disso, as duras campanhas invernais que devia empreender frequentemente com seu exército representavam para ele verdadeiras provações.

Seu maior exemplo foi o estoico Epiteto, que viveu de 50 a 130. Esse filósofo colocava tão rigorosamente em prática o modo de vida estoico que não se queixava de ser um escravo espancado por seu mestre, pois ele considerava o corpo apenas um envelope para a alma. Se o fato de Marco Aurélio se deixar levar tão longe nessa ideia estoica pode ser posto em dúvida, inegavelmente sua concepção de vida e sua orientação prática, contudo, encontram sua origem no mundo das ideias puras. O imperador tinha confiança absoluta na Providência e concebia o Universo como uma grande ordem natural que comporta as leis que o homem deve aprender a conhecer e aceitar. Percebe-se que o próprio imperador sentiu-se mal com isso com base em suas cartas, que ele intitulou *Ta eis heauton* – que significa literalmente: *Para mim mesmo*, mas que, mais tarde, foram conhecidas pelo título de *Meditações* ou *Reflexões*. Ele escreveu essas cartas em sua tenda militar às margens do Danúbio, longe de seu lar. E morreu de morte natural durante uma dessas campanhas, aos 58 anos. Poderíamos dizer que ele morreu “portando a armadura”, mas na sua época, por mais

que os soldados mais velhos fossem equipados de couraças e capacetes de ferro, ainda não existiam armaduras. Seu filho Cómodo o sucedeu. Ignorante e cruel, ele provocou rapidamente o caos no império, ao passo que Marco Aurélio havia recebido, aqui e ali, a simpatia dos germanos derrotados.

Evidentemente, o ditado “tal pai, tal filho” nem sempre se confirma.

No decorrer do século anterior ao império de Marco Aurélio, as primeiras comunidades cristãs fizeram valer sua influência no império romano. Ao mesmo tempo, se exercia também a ação de Apolônio de Tiana. Paulo de Tarso, Jesus de Nazaré e Apolônio de Tiana nasceram aproximadamente na mesma época. J. van Rijckenborgh escreve em seus comentários sobre o *Nuctemeron* – obra atribuída a Apolônio – que no princípio de nossa era havia sete grandes sábios. Jesus ofereceu seu grande sacrifício aos 33 anos; nesse primeiro século, Paulo trouxe uma explicação cristã universal, aceita por todo cidadão romano; quanto a Apolônio de Tiana, ele interveio como um filósofo da escola neopitagórica.

As cidades onde nasceram esses filósofos – Tarso e Tiana – eram ambas situadas na Anatólia, no sudeste da Turquia atual. Parte de seu campo de trabalho era em Éfeso, mas eles atuavam também em Roma. Não se sabe se os dois filósofos estiveram a par da existência um do outro, nem se Marco Aurélio tinha conhecimento deles. Aliás, isso não parece ser improvável, uma vez que as fontes

indicam que já o imperador Nero (54 - 68 d. C.) havia brutalmente perseguido tanto Apolônio quanto as comunidades cristãs. Provavelmente Marco Aurélio sentiu-se mais atraído pelo culto de Mitra, em voga naqueles tempos, do que pelo cristianismo, então relativamente desconhecido, ou pela escola pitagórica já “fora de moda” naquela época. Em todo caso, por sua educação e por tradição, ele se sentia, sobretudo, estoico. Diga-se de passagem, que, um século depois do imperador filósofo, o imperador Alexandre Severo (208-235) ainda mantinha em seu escritório tanto estatuetas de Apolônio de Tiana, como de Jesus e Orfeu.

SUA FILOSOFIA As cartas encorajadoras que ele endereça a si mesmo (e somente a si) foram escritas em circunstâncias muito difíceis. Essas cartas consistem em notas de reflexão, advertência, relativizações que, uma e outra vez, o remetem à necessidade daquilo “que é”. Ele ainda não havia alcançado o comportamento de vida ideal que tinha diante de seus olhos, mas se empenhava para isso com todas as suas forças.

Era uma grande alma de caráter nobre, que tomava por exemplos luminosos não só Epiteto e o grego Stoa, mas também seus próprios parentes e antepassados, que ele descreve como pessoas de elevada moral. E ele se pergunta: como um homem deve se conduzir na vida em relação a si mesmo e a seus semelhantes?

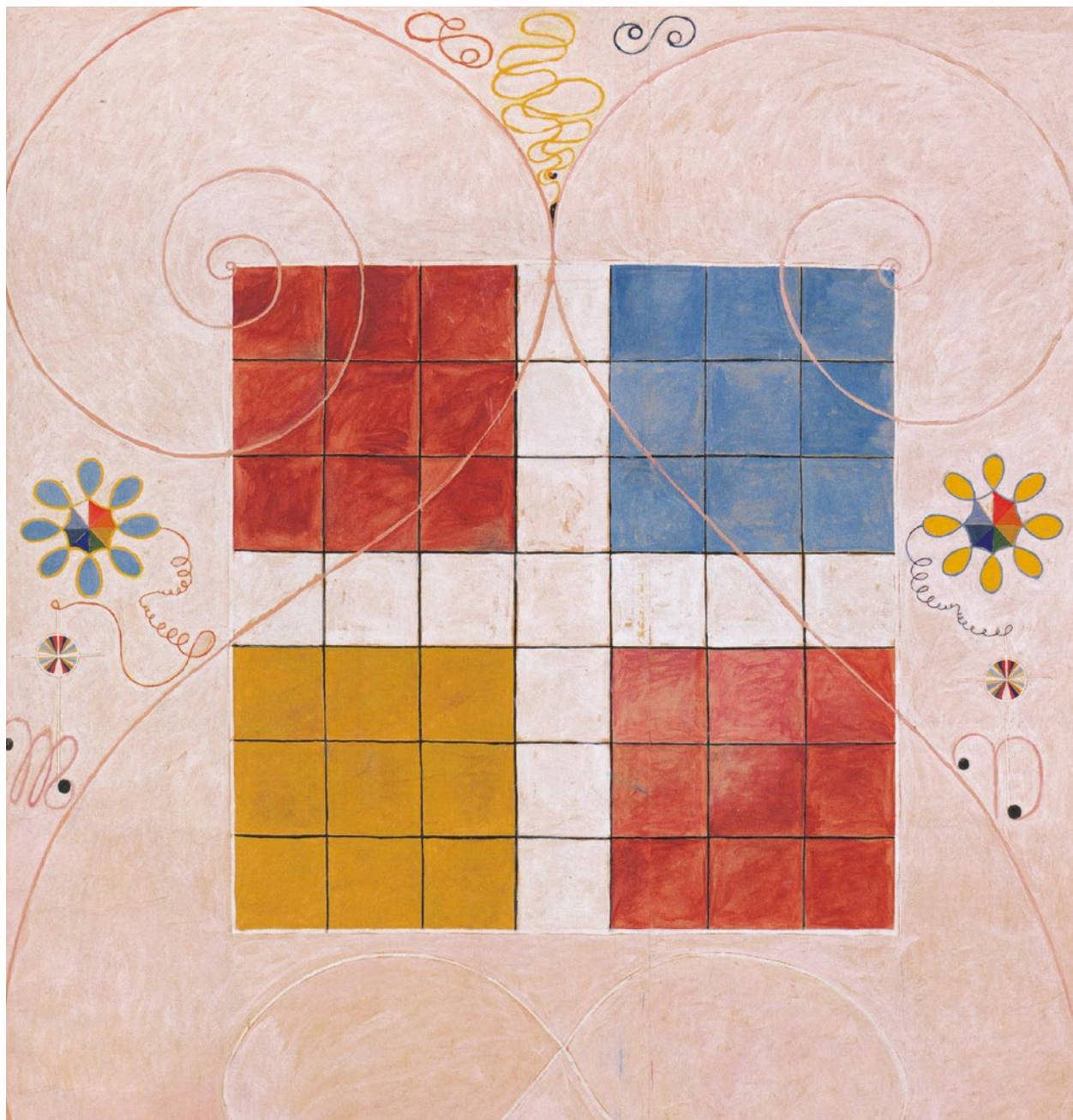
“Não podes ser mestre nem de escrita nem de leitura sem antes teres sido aluno. E isso é ainda mais verdadeiro em relação à vida... A arte de viver condiz mais com a arte da guerra do que com a arte da dança, pois é preciso ter os dois pés solidamente fixados na terra para poder interceptar os golpes súbitos e inesperados.”

“Assim como os médicos devem sempre ter consigo seus instrumentos e escalpelos para o caso de operações imprevistas, também debes dispor de princípios de base que te permitam compreender as coisas divinas e as coisas humanas. Graças a eles poderás tudo cumprir: mesmo as mínimas coisas, se lemares em consideração esses dois elementos e suas relações recíprocas. Na verdade, não conseguirás alcançar corretamente uma realização no plano humano se não lemares em conta o plano divino e vice-versa.”

“Quando a impertinência de alguém te indignar, indaga-te imediatamente: será possível que no Universo não exista nenhum homem insolente? Impossível!

Bem, então, não exijas o impossível, pois esse homem que te irrita faz parte dessas pessoas insolentes que devem necessariamente existir no Universo. Faze o mesmo quando encontrar um criminoso, um homem pouco confiável ou inclinado a toda sorte de pecados. Compreender a necessidade de sua existência te levará à indulgência.

Por mais que percas a paciência, as pessoas continuarão a fazer o que fazem.



Os dez maiores é uma série de pinturas com muitos metros de altura com base nos quais Hilma dirigiu seu pensamento abstrato em 1907. De um modo totalmente imaginário, representa as diferentes idades do homem. As primeiras telas, *Infância* e *Juventude* são efervescentes, multicoloridas, ricas em fantasias florais. As telas *Idade adulta* manifestam um pouco mais de calma e equilíbrio. Com *Velhice*, - as telas número 9 e 10 acima - vemos a série alcançar harmoniosamente um ponto culminante por sua simetria bem equilibrada.

Os dez maiores n°10 Velhice - Grupo 4, 1907

Contudo, é sempre possível fazer uma pessoa tomar consciência de que cometeu um erro, pois um pecador não é mais do que um homem que não atingiu seu objetivo: ele se perdeu. O homem mantém três relações: a primeira com seu corpo, que o envolve; a segunda com a causalidade divina, que rege seu destino; e a terceira com seus semelhantes. Por consequência, a única atitude de vida que resta a um homem de bem é: aceitar com amor e suavidade tudo o que a sorte lhe reserva, sem perturbar o ‘espírito divino’ que habita seu peito”.

Nós o seguimos em suas meditações sobre a fugacidade de tudo e sobre as conclusões corretas que se pode tirar delas. “Sobre a glória: observa os pensamentos daqueles que aspiram a glória, vê que tipo de homem são eles, aquilo que evitam, aquilo que procuram. E observa, então, na vida, como os eventos antigos são rapidamente sepultados pelos novos, e as velhas dunas de areia devoradas pelas areias moventes. O tempo é tal qual um rio carregando tudo o que passa: uma corrente impetuosa. Uma coisa mal vê o dia e já é levada pela corrente e surge outra que, por sua vez, logo desaparecerá. Aquele que examina o presente sabe o que foi por toda a eternidade e o que será no futuro eterno. Na verdade, tudo tem a mesma natureza e a mesma forma.

Retorna, então, à simples realidade de teu ser. E, quando despertares e descobrires que eram sonhos o que te inquietava, considera igualmente, em teu estado de vigília, que é sonho tudo o que te rodeia.

Tens medo de mudar? Mas o que poderia dar lugar ao nascimento, a não ser a mudança? O que poderia se revelar mais afim com o Todo ou mais apropriado a ele? Consegues alimentar-te sem que os alimentos se transformem? Haverá uma única coisa útil que possa ser realizada sem mudança? Não percebes que também precisas mudar e que essa mudança é indispensável para o Todo? Reflete: há

quanto tempo adias e deixas passar as boas ocasiões ofertadas pelos deuses? É hora de perceberes a que universo pertences e veres que o guia desse universo está na origem de tua própria existência. Que o tempo de tua existência já está definido; e que esse tempo, quando não o utilizas para iluminar teu espírito, desaparecerá – assim como tu mesmo – sem jamais voltar. Tudo desaparece tão rápido no universo material dos corpos, no tempo da memória! Um homem discreto e modesto diz àquele que tudo dá e tudo toma – o Todo: podes dar o que quiseres e tomar o que quiseres. Ele não pronuncia essas palavras com imprudência, mas em obediência e rendição à vontade dele”.

O QUE SIGNIFICA MORRER? Quando consideramos o fato de morrer em relação a nós mesmos, abstraído tudo o que a fantasia pode vincular a isso, precisamos reconhecer que morrer não passa de uma atividade da natureza. E seria pueril sentir medo de uma atividade da natureza. E mais: morrer não é simplesmente uma atividade da natureza, como também uma atividade saudável para a própria natureza. Considere de que maneira e com que parte de seu ser o homem estabelece uma ligação com Deus, e, sobretudo, em que circunstâncias ele é capaz de fazê-lo. Depois de ter meditado a respeito de todas essas questões, Marco Aurélio chegou por ele mesmo às seguintes conclusões: “Portanto, precisamos nos apressar. Não somente porque cada dia nos aproxima da morte, mas principalmente porque, já antes da morte, a pureza de percepção e compreensão podem desaparecer. Assim, não ajas como se tivesses milhares de anos à tua frente. A morte paira sobre tua cabeça! Sejas bondoso enquanto estiveres vivo e se isso ainda estiver em teu poder. Abre um caminho até o interior de teu ser: lá está a fonte de todo Bem, a fonte que jorrará mais e mais, desde que continues em tua busca. Se alguém se pusesse a contaminar uma



Para terminar, determina como e com que parte de seu ser o homem entra em relação com Deus e, principalmente, em que circunstâncias ele é capaz de fazer isso

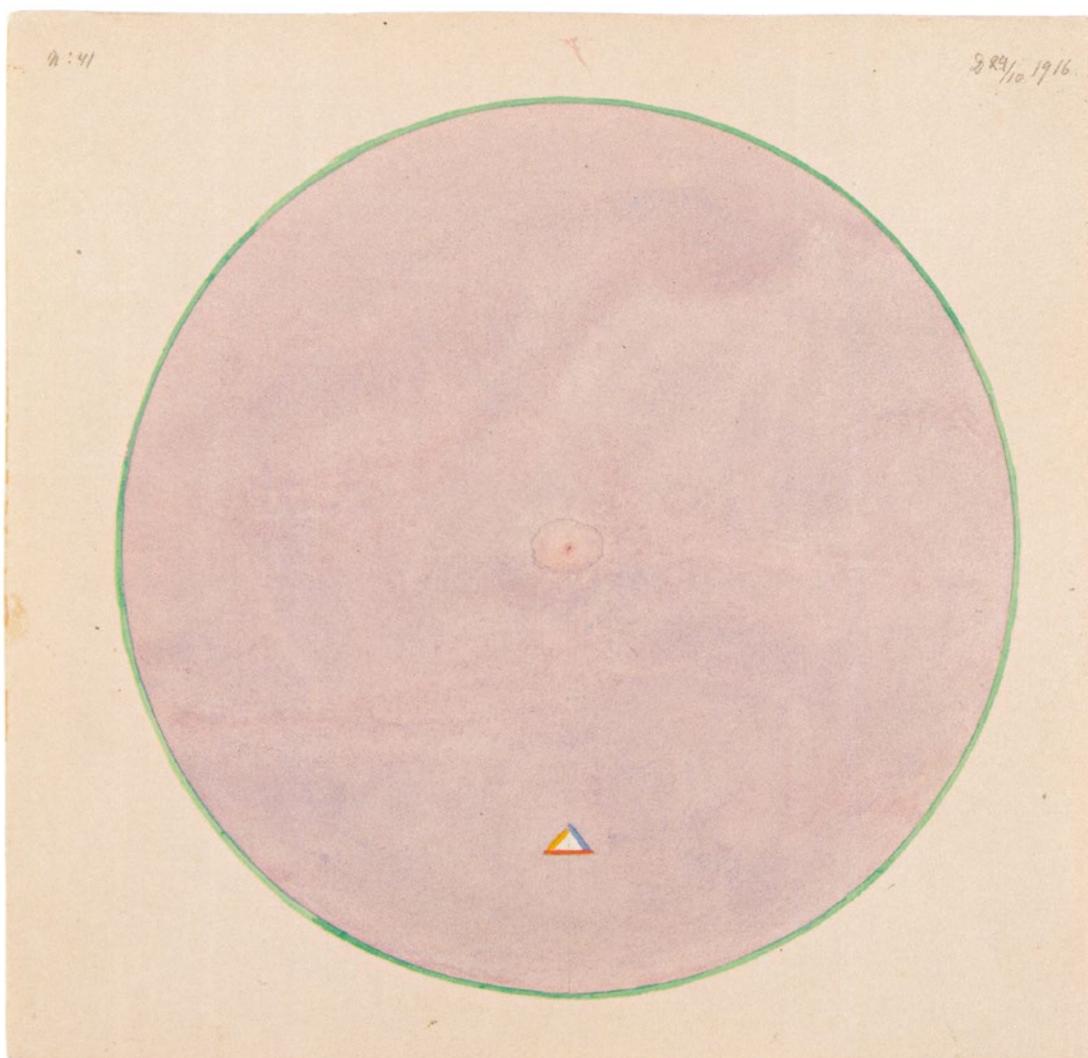
fonte pura e clara, nem por isso ela deixaria de jorrar água potável. E se tal pessoa jogasse lama e sujeira na fonte, esta logo as eliminaria de modo a não se deixar sujar por isso. Como então saciar-se nessa fonte que não é um poço estagnado e que flui eternamente? Aspirando sem cessar à liberdade do espírito, que está ligada à benevolência, à simplicidade e à modéstia. Sempre estamos buscando lugares de descanso para nós mesmos, à beira do mar ou na montanha, e tu também tens a tendência de desejar tais coisas, mas não há repouso mais tranquilo e pacífico para o homem do que sua própria alma”.

Vamos terminar com uma carta em que ele demonstra até que ponto percebe a si mesmo com perspicácia e decide abolir toda e qualquer oposição interior, porque a natureza divina do Universo que o gerou o obriga a fazer isso. “Isso também te encoraja a renunciar à glória vã. Não te foi possível, meu jovem, viver como um filósofo, e claramente manifestaste a muitos e a ti mesmo o quanto ainda estás afastado da sabedoria. Fracassaste; e, por conseguinte, não te é fácil ganhar a reputação de um filósofo. No mais, isso vai de encontro aos teus princípios de vida. Agora que compreendeste em verdade aquilo que é, não te preocupes com o que os outros podem pensar de ti, mas contenta-te em passar o resto de tua vida segundo o que tua própria natureza exige de ti. Considera, então, o que ela te pede, e não te deixes mais desviar.

Experimentaste muitas coisas e nenhuma das tuas peregrinações te trouxe felicidade. Nem a arte da oratória, nem a riqueza, nem a glória, nem o prazer dos sentidos... Nada. Onde poderás encontrá-la, então? Cumprindo o que a natureza humana te pede. E como chegar a isso? Tuas aspirações e tuas maquinções devem jorrar de princípios básicos. Quais princípios? Aqueles que se reportam ao bem e ao mal, segundo os quais o que é bom para o homem é o que o faz justo, corajoso e livre; e é mau o que tem o efeito contrário. Reconhece, enfim, que possuis em ti um princípio divino superior àquele que desperta tuas paixões e faz de ti uma marionete. O que, neste momento, está passando por meu espírito? Seria desconfiança? Seria cobiça ou outra coisa do gênero? Desfaz-te de tuas falsas representações e serás salvo. O que te impede de te livrares disso?”

Essas cartas do imperador filósofo Marco Aurélio datadas de quase dois mil anos são mais atuais do que nunca, quando voltamos nosso olhar para a importante reviravolta espiritual com a qual a humanidade se vê confrontada atualmente em seu processo de desenvolvimento. O leitor aprovará, certamente, essas palavras: quero viver de acordo com seu exemplo tão ilustre e sábio, e saber que estou integrado no plano de criação divino. ✪

O MUNDO MÁGICO DE HILMA AF KLINT



Os quadros de Hilma, da Série Parsifal têm uma atmosfera etérea particular. Sobre um fundo quase monocromático, as formas puras, tais como o ponto, o círculo do ser eterno e o triângulo comunicam esse efeito muito especial

Série Parsifal, N° 41, Grupo 1, 1916

Nada na vida pode ser removido, nada de sua unidade pode ser subtraído. A arte não é para si mesma, mas é como a vida: bela, fresca, inovadora e profundamente original. E assim, o adubo faz parte da vida. No antigo Egito, foi um besouro do adubo, um escaravelho, que trouxe a luz do sol! Ora, o que vem da terra a ela retorna. E o que do céu nasceu, procura abrir suas asas para subir até lá. “Para e percebe a beleza da vida”, diz Marco Aurélio, “olha as estrelas e vê a ti mesmo enquanto olhas para elas”.

